

BUNKOWSKI POESIA



L&PM
EDITORI

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

CHARLES BUKOWSKI

BUKOWSKI ESSENCIAL
POESIA

Seleção e edição de ABEL DEBRITTO

Tradução de RODRIGO BREUNIG E PEDRO GONZAGA



Apresentação

Com mais de vinte volumes de poesia de Charles Bukowski disponíveis em livro e dezenas de excelentes poemas inéditos arquivados, estava mais do que na hora de termos uma coleção **essencial**. A tarefa em mãos era titânica: autor prolífico sob qualquer critério de medida, com cerca de cinco mil poemas conhecidos escritos ao longo de cinquenta anos, notoriamente Bukowski escrevia quase todas as noites num torpor alcoólico, jogando fora, na manhã seguinte, a maior parte dos desatinos. Escolher os melhores poemas de Bukowski nessa pilha imensa era intimidante, para dizer o mínimo.

Poemas populares como “o tordo azul”, “o gênio da multidão”, “lance os dados”, “o estouro” e outros eram fortes concorrentes mesmo antes que eu preparasse uma lista provisória. Enquanto eu me debruçava sobre obras publicadas e não publicadas, certas joias relativamente obscuras, tais como “quando Hugo Wolf enlouqueceu”, “faíscas”, “o perdedor” e “outra academia” voltaram à vida para mim. Também incluí poemas que foram fundamentais na carreira de Bukowski, como “suástica abotoada na minha bunda”, que levou o alemão Carl Weissner, amigo, agente e tradutor de longa data, a virar um fervoroso entusiasta de Bukowski depois de lê-lo numa revista independente na Inglaterra em 1966. Havia 170 poemas

na minha seleção final para o livro, que então teve de ser reduzida para somente 95 – “democracia”, “eles, todos eles, sabem”, “a palavra” e outros poemas de primeira linha tiveram de ser descartados.

Esses 95 poemas essenciais mal representam dois por cento da colossal produção de Bukowski, mas é difícil não perceber sua evolução poética nesta coleção cronológica. Os poemas do início, com seu lirismo e ocasionais imagens surreais, dão lugar na década de 1970 ao personagem macho do Bukowski “Velho Safado”, quando ele afinal alcança o sucesso na casa dos cinquenta anos de idade, para depois assumir, em seus anos finais, uma postura mais filosófica em relação à vida. No caminho todo, o que aparece de forma invariável é o brilho do autor em capturar as coisas como elas são, os claríssimos instantâneos de suas experiências imediatas e também do mundo em geral, quase nunca alterados num segundo momento. É justamente essa autenticidade, junto com a qualidade atemporal dos poemas mais esmerados de Bukowski, que nos faz receber sua poesia de braços abertos: as trivialidades cotidianas, mas cruciais, encontradas em “o cadarço”; a sensualidade de “o banho”; as forças da vida em ação em “o tordo-dos-remédios”; a ternura de “poema de amor para Marina” e de “a história de um filho da mãe durão”; a natureza esquiva da arte em muitos dos poemas; o humor autodepreciativo em “precisamos nos comunicar”; a imperfeição que nos torna quase

perfeitos em “um poema para o engraxate”; e os retratos francos dos artistas que Bukowski admira.

Há também a impressionante e desarmadora simplicidade de “arte” e “nirvana”; os versos parcos, ao modo Hemingway, de “Carson McCullers” e “o inferno é um lugar solitário”; os hinos ao individualismo e à força de vontade de “sem líderes” e “o gênio da multidão”; o espírito jamais-aceitar-sem-questionar de “conheci um gênio”; os longos poemas narrativos que lemos como contos envolventes; e o impulso de afirmação da vida de “o coração risonho” e “o estouro”. Estes dois últimos poemas mostram que, apesar da escuridão que muitas vezes entrava em sua vida e poesia, Bukowski sempre via a luz no fim do túnel, e não conseguimos deixar de nos identificar com esse sentimento.

Esses poemas são Bukowski em seu jeito mais cativante: nu e cru, espirituoso e apaixonado, mostrando-nos todo “o caminho” enquanto ele ouve música clássica num “rádio com fibra” e bebe “o sangue dos deuses” em seus pequenos apartamentos e salas em Los Angeles. Buda de San Pedro, Bukowski no fim das contas sorri por saber que o segredo de tudo está muito além dele, e essa é a beleza da coisa: Bukowski destila a própria essência da vida, espremendo a magia do comum com sua inconfundível e insuperável simplicidade.

Essencial, de fato.

Abel Debritto

conselho de amigo para vários jovens, e para vários velhos também

Vá pro Tibete.

Ande de camelo.

Leia a Bíblia.

Pinte de azul seus sapatos.

Deixe a barba crescer.

Dê a volta ao mundo numa canoa de papel.

Assine o ***Saturday Evening Post***.

Mastigue apenas no lado esquerdo da boca.

Case com uma mulher de uma só perna e depile com navalha.

E grave seu nome no ânus dela.

.

Escove os dentes com gasolina.

Durma o dia todo e suba em árvores à noite.

Seja um monge e beba buckshot e cerveja.

Mantenha sua cabeça embaixo d'água e toque violino.

Faça uma dança do ventre perante velas cor-de-rosa.

Mate o seu cachorro.

Concorra a prefeito.

More num barril.

Quebre sua cabeça com um machadinho.

Plante tulipas na chuva.

.

Mas não escreva mais poesia.

feito um pardal

Pra dar vida você deve tirar vida,
e com nossa dor caindo estatelada
no mar de um bilhão de sangues
eu passo por sérios cardumes rebentadores de tripas or-
lados
por podres criaturas de brancas pernas e panças
longamente mortas e rebeladas contra cenas circundan-
tes.

Querida criança, eu só fiz com você o que o pardal
fez com você; sou velho quando está na moda ser
jovem; choro quando está na moda rir.
Odiei você quando seria menos corajoso
amar.

parada

Fazer amor no sol, no sol da manhã
num quarto de hotel
acima do beco
onde os pobres recolhem garrafas;
fazer amor no sol
fazer amor sobre um tapete mais rubro que nosso sangue,
fazer amor enquanto meninos vendem manchetes
e Cadillacs,
fazer amor junto à foto de Paris
e ao maço aberto de Chesterfields,
fazer amor enquanto outros homens – pobres
coitados –
trabalham.

.

Daquele momento – a este...
talvez sejam anos na medida comum,
mas é só uma frase na minha memória –
são tantos os dias
em que a vida para e desliga e senta
e espera como um trem nos trilhos.
eu passo pelo hotel às 8
e às 5; há gatos nos becos

e garrafas e vagabundos,
e eu olho a janela e penso,
não sei mais onde você está,
e sigo andando e me pergunto pra onde
a vida vai
quando ela para.

a vida de borodin

na próxima vez em que você ouvir Borodin
lembre-se de que ele era apenas um químico
que escrevia música para relaxar;
sua casa vivia cheia de pessoas:
estudantes, artistas, bêbados, vadios,
e ele nunca soube como dizer: não.
na próxima vez em que você ouvir Borodin
lembre-se de que sua esposa usou suas composições
para forrar a caixa de areia do gato
ou para embrulhar as garrafas de leite azedo;
ela sofria de asma e insônia
e o alimentava com ovos moles
e quando ele queria cobrir a cabeça
para se afastar dos sons da casa
ela permitia que ele usasse apenas o lençol;
além disso, geralmente havia alguém
na cama dele
(os dois dormiam em camas separadas quando
dormiam)
e como todas as cadeiras
normalmente estavam ocupadas
costumava dormir nos degraus
envolto em um velho xale;

ela lhe dizia quando cortar as unhas,
para não cantar ou assobiar
nem colocar muito limão no chá
nem espremê-lo com uma colher;

Sinfonia no 2 em Si Menor

Príncipe Igor

Nas estepes da Ásia Central

ele só conseguia dormir colocando um pedaço

.

de pano negro sobre os olhos;
em 1887 ele compareceu a um baile
na Academia de Medicina
vestido com um festivo traje nacional;
parecia, ao fim, excepcionalmente animado
e quando ele se foi ao chão,
pensaram que ele estava fazendo alguma palhaçada.

.

na próxima vez em que você ouvir Borodin,
lembre-se disso...

quando Hugo Wolf enlouqueceu

Hugo Wolf enlouqueceu enquanto comia uma cebola
e compunha sua 253a canção; era um chuvoso
abril e as minhocas saíam da terra
cantarolando Tannhäuser, e ele derramou seu leite
com sua tinta, e seu sangue respingou nas paredes
e ele uivou e rugiu e gritou, e
no andar
de baixo sua senhoria disse, eu **sabia**, esse lixo filho
de uma
égua birutou seu cérebro, bronhou
sua última peça
musical e agora eu nunca vou ganhar o aluguel, e um
dia ele será famoso
e vão enterrá-lo na chuva, mas neste momento
eu queria que ele parasse
com a maldita gritaria – na minha opinião ele é
um veado imbecil bobalhão
e quando tirarem ele daqui, espero que
tragam um bom pescador confiável
ou um carrasco
ou um vendedor de
tratados bíblicos.

destruindo a beleza

uma rosa
luz rubra do sol;
eu a desmonto
na garagem
como um quebra-cabeça:
as pétalas gordurosas
feito bacon velho
caem
como as donzelas do mundo
costas no chão
e ergo meu olhar
para o velho calendário
pendurado num prego
e toco
meu rosto rugoso
e sorrio
porque
o segredo
é inalcançável.

o dia em que joguei pela janela uma grana preta

e, eu disse, você pode pegar seus ricos tios e tias
e avós e pais
e todo aquele petróleo escroto deles
e seus sete lagos
e seus selvagens perus
e búfalos
e o estado inteiro do Texas,
quer dizer, seus fuzilamentos de corvos
e seus calçados de sábado à noite,
e sua biblioteca de
meia-tigela
e seus vereadores corruptos
e seus artistas veadinhos –
você pode pegar tudo isso
e o seu jornal semanal
e os seus famosos tornados
e as suas enchentes imundas
e todos os seus gatos uivantes
e a sua assinatura da *Life*,
e enfiar lá, bebê,
enfiar lá.

posso empunhar de novo a picareta e o machado (acho)
e posso descolar
25 pratas por uma luta de 4 assaltos (talvez);
claro, estou com 38
mas um pouco de tintura pode tirar o grisalho
do meu cabelo;
e ainda consigo escrever poemas (às vezes),
não se esqueça **disso**, e mesmo que
não rendam nada,
é melhor do que esperar por mortes e petróleo,
e dar tiros em perus selvagens,
e esperar que o mundo
comece.

.
tá bom, vagabundo, ela disse,
caí fora.

.
o quê?, eu disse.

.
caí fora. você teve o seu último
acesso de fúria.
cansei dos seus malditos acessos de fúria:
você está sempre agindo como um
personagem numa peça de O'Neill.

.
mas eu sou diferente, bebê,
não consigo

evitar.

.

você é diferente, tá bom!

meu Deus, quanta diferença!

não bata

a porta

quando sair.

.

mas, bebê, eu **amo** seu
dinheiro!

.

você nunca disse
que me amava!

.

o que você quer
um mentiroso ou um
amante?

.

você não é nenhum dos dois! fora, vagabundo,
fora!

.

... mas bebê!

.

volta pro O'Neill!

.

fui até a porta,

fechei-a sem barulho e fui embora,

pensando: tudo que elas querem
é um índio de madeira
que diga sim e não
e fique parado acima do fogo e
não infernize demais;
mas você já está ficando
velho, garoto;
da próxima vez não abra
tanto
o jogo.

os gêmeos

às vezes ele insinuava que eu era um canalha e eu lhe dizia

para ouvir Brahms, para aprender a pintar e a beber e a não

ser dominado por mulheres ou dólares

mas ele gritava, pelo amor de Deus pense na sua mãe,

pense no seu país,

você vai nos matar!...

.

vago pela casa de meu pai (na qual ele devia \$8 mil depois de

20 anos no mesmo emprego) e olho para seus sapatos mortos

o modo como seus pés curvaram o couro, como se plantasse

rosas em fúria, e era o que ele fazia, e olho para seu cigarro

morto, seu último cigarro e a última cama em que dormiu naquela noite, e sinto que deveria refazê-la mas não posso,

porque um pai é sempre o mestre mesmo quando já se foi;

suponho que essas coisas tenham acontecido vez após

vez

mas não posso deixar de pensar

morrer no chão da cozinha às 7 da manhã

enquanto outras pessoas fritam ovos

não é tão brutal

a menos que aconteça com você.

.

vou para o lado de fora e apanho uma laranja e retiro a casca

brilhante; as coisas seguem vivas; a grama cresce muito bem,

o sol despeja seus raios circundado por um satélite russo, um cão late sem razão em alguma parte, vizinhos espiam pelas persianas. sou um estranho aqui, e devo ter sido (suponho) de algum jeito um filho da puta, e não tenho dúvida de que ele me pintou direitinho (o garotão e eu brigávamos como leões da montanha) e eles dizem que ele deixou tudo para uma mulher em Duarte mas estou cagando – que ela fique com tudo: ele era o meu velho e está morto.

.

lá dentro, experimento um terno azul-claro

muito melhor do que qualquer coisa que eu já tenha vestido

e balanço os braços como um espantalho ao vento

mas de nada adianta:

não posso mantê-lo vivo

não importa o quanto odiássemos um ao outro.

.

temos exatamente o mesmo aspecto, poderíamos ter sido

gêmeos

o velho e eu: é isso o que eles

dizem. ele tinha seus bulbos na tela

prontos para serem plantados

enquanto eu me deitava com uma puta da rua 3.

.

muito bem. deixem-nos ter este momento: parado diante
de um espelho

vestindo o terno de meu pai morto

esperando também

para morrer.

para a puta que levou meus poemas

alguns dizem que deveríamos evitar remorsos particulares no
poema,
manter-nos abstratos, e há certa razão nisso,
mas jezus;
lá se vão 12 poemas e eu não tenho cópias deles em carbono e você está com
minhas
pinturas também, as melhores; é sufocante;
quer me destruir como fez com todos os outros?
por que não leva meu dinheiro? é o que normalmente fazem com
os bêbados desacordados na esquina de quem batem os bolsos das calças.

.
da próxima vez leve meu braço esquerdo ou cinquenta contos
mas não meus poemas:
eu não sou Shakespeare
mas vai chegar um tempo em que simplesmente
não haverá mais nenhum, abstrato ou como quer que seja;
sempre haverá dinheiro e putas e bêbados

até a última bomba cair,
mas como Deus disse,
cruzando as pernas,
sei muito bem onde coloquei um bocado de poetas
mas não muita
poesia.

o perdedor

e quando dei por mim estou numa mesa,
todos se foram: cabeça da bravura
sob luz, carrancudo, me derrubando...
e aí vi um asqueroso fumando um charuto:
"Garoto, você não é lutador", ele me disse,
e eu levantei, derrubei o cara sobre uma cadeira;
foi como uma cena de filme, e
ali caído de bunda ele ficou
repetindo: "Jesus, Jesus, quêquefoique te
deu?" e eu levantei, me vesti,
mãos ainda enfaixadas, e chegando em casa
arranquei as faixas das mãos e
escrevi meu primeiro poema,
e venho lutando
desde então.

a melhor maneira de ficar famoso é fugir

achei uma laje de cimento solta na frente da sorveteria,
joguei de lado e comecei a cavar; a terra era
fofa e cheia de minhocas e logo afundei até a
cintura, tamanho 46;
uma multidão veio ver, mas recuou sob meus arremessos
de lama,
e quando a polícia chegou minha cabeça já tinha
sumido,
assustando roedores e vermes e achando pedaços de
crânio
incrustados de ouro,
e me perguntaram, você está procurando petróleo, te-
souro,
ouro, a ponta da China?, está procurando amor, Deus,
um chaveiro perdido?, e garotinhas pingando sorvete
espiaram minha escuridão, e um psiquiatra chegou
e um
professor universitário e uma atriz de cinema de biquíni,
e
um espião russo e um espião francês e um espião inglês,
e um crítico de teatro e um cobrador e uma velha
namorada, e todos me perguntaram, o que é que você

está
procurando? e logo começou a chover... submarinos atômicos
mudaram de rota, Tuesday Weld se escondeu atrás de
um jornal,
Jean-Paul Sartre rolou dormindo, e o meu buraco
se encheu
de água; saí preto feito a África, estrelas
cadentes
e epitáfios, meus bolsos cheios de adoráveis minhocas,
e me levaram à prisão e me deram banho
e uma cela legal, livre de aluguel, e mesmo agora as pessoas
fazem piquetes por mim, e assinei
contratos pra aparecer no palco e na tevê,
pra escrever coluna no jornal local e
escrever um livro e anunciar uns produtos, tenho
dinheiro pra morar por vários anos nos melhores
hotéis, mas assim que sair daqui vou
achar outra laje solta e cavar, cavar,
cavar, e dessa vez não vou voltar... faça chuva, sol
ou biquíni, e os repórteres perguntando, por que fazer
isso? mas só acendo meu cigarro e sorrio...

a tragédia das folhas

despertei para a aridez e as samambaias estavam mortas,
as plantas nos vasos, amarelas como milho;
minha mulher partira
e as garrafas vazias como cadáveres exangues
cercavam-me com sua inutilidade;
o sol seguia bem, no entanto,
e o bilhete da minha senhoria se quebrava num belo e
resignado tom de amarelo; o que se precisava agora
era de um bom comediante, ao velho estilo, um bobo da
corte
com piadas sobre a dor absurda; a dor é absurda
porque ela existe, quando nada mais;
cuidadosamente faço a barba com uma velha navalha
o homem que uma vez tinha sido jovem e
dizia ter gênio; mas
essa é a tragédia das folhas,
as samambaias mortas, as plantas mortas;
e eu caminho por um corredor negro
onde a senhoria se mantém
execrável e decisiva,
mandando-me para o inferno,
balançando seus braços gordos e sudorentos

e gritando
gritando pelo aluguel
porque o mundo falhou conosco
duplamente.

velho morto num quarto

essa coisa em cima de mim não é a morte
mas é real como ela,
e enquanto senhorios cheios de vermes
batem pedindo aluguel
eu como nozes no refúgio
da minha privacidade
e ouço bateristas mais
importantes;
é real como ela, é real como ela
feito um pardal de ossos quebrados
em boca de gato e proferindo
mais que mero
e miserável argumento;
entre os dedos dos pés contemplo
as nuvens, os mares de magro
sepulcro...
e coço as costas
e formo uma vogal
enquanto minhas belas mulheres todas
(esposas e amantes)
pifam como motores
em certo vapor pesaroso
soprado ao eclipse;

osso é osso
mas essa coisa em cima de mim
enquanto rasgo as cortinas
e piso tapetes enjaulados,
essa coisa em cima de mim
feito flor e festim,
acredite
não é a morte, não é a
glória
e como os moinhos de vento de Quixote
cria um inimigo
voltado pelos céus
contra um homem;
... essa coisa em cima de mim,
grande deus,
essa coisa em cima de mim
rastejando como cobra,
apavorando meu amor à vulgaridade,
uns chamam de Arte
uns chamam de poesia;
não é a morte
mas morrer dissolverá seu poder
e quando minhas mãos grisalhas
largarem a última caneta desesperada
num quarto barato
vão achar meu corpo
e jamais farão ideia

do meu nome
do meu significado
ou do tesouro
da minha fuga.

here Bukowski

Old Man, Dead
IN A ROOM

this thing upon me is not,
but it's as real,
And as LANDLORDS
full of MAGGOTS

Prayer For rent
I eat moments with the ~~death~~
of my privacy
and listen for more important
drummers;

IT'S AS REAL, IT'S AS REAL
as the broken-bow SPARROW
cat-matched to utter
more than more
and miserable argument;
between my toes I STARE
at clouds, at sets of gaunt
republican...
and scratch my BACK
and form a ritual
as all my LOVELY WOMEN
(WIVES AND LOVERS)

BREAK LIKE ENGINES
into some steam of sorrow
to be blown into ECLIPSE;
~~bone to bone~~

BONE IS BONE
but this thing UPON ME
LIKE A FLOWER/AND A FEAST,
BELIEVE me

is not death and is not
glory
and LIKE QUIXOTE'S windmills
makes a face
turned BY THE HEAVENS
against one MAN;

... THIS THING UPON ME,
great God,

THIS THING UPON ME
CRAWLING LIKE A SNAKE,
terrifying my love of
COMMONNESS,

Some call ART
some call POETRY;

it's not DEATH

but dying DYING
WILL ~~show~~ it's power
and as my gray hands
drop a LAST

DESPERATE DEN ROOM
in some cheap room
they will find me there
AND NEVER KNOW

my name
my MEANING

nor the treasure
of my ESCAPE.

o padre e o matador

no lento ar mexicano assisto o touro morrer
e eles lhe cortam a orelha, e sua enorme cabeça não
guarda
mais terror do que uma pedra.

.

dirigindo de volta no dia seguinte paramos na Missão
e assistimos às flores vermelhas e douradas e azuis se
estendendo
como tigres na ventania.

.

coloque isto na métrica: o touro e o forte de Cristo:
o matador de joelhos, o touro morto seu menino;
e o padre a olhar pela janela
como um urso enjaulado.

.

você pode discutir no mercado e manipular as suas
dúvidas com cordas de seda: vou lhe dizer apenas
isto: eu vivi em ambos os templos,
acreditando em tudo e em nada – talvez, agora, eles ve-
nham
a morrer no meu.

.



o estado das coisas do mundo vistas a partir da janela de um 3o andar

olho para uma garota vestindo um
suéter verde-claro, shorts azuis, longas meias negras;
usa algum tipo de colar
mas seus seios são pequenos, pobrezinha,
e ela confere as unhas
enquanto seu cachorro branco e encardido fareja a grama
em erráticos círculos;
um pombo também está por ali, circulando,
semimorto com seu cérebro de ervilha
e eu estou andares acima em minha roupa de baixo,
barba de 3 dias, servindo uma cerveja e esperando
que alguma coisa literária ou sinfônica aconteça;
mas eles seguem circulando, circulando, e um homem
velho e magro
em seu último inverno desliza puxado por uma garota
com um uniforme de escola católica;
para algum lugar além há os Alpes, e navios
cruzam agora mesmo o mar;
há pilhas e mais pilhas de bombas-H e -A,

suficientes para explodir cinquenta vezes o mundo e Marte junto,
mas eles seguem circulando,
a garota movimentando o traseiro,
e as colinas de Hollywood mantêm-se lá, mantêm-se lá
cheias de bêbados e pessoas insanas e
muitos beijos nos automóveis,
mas isso nada resolve: ***che sarà, sarà***:
seu cachorro branco e encardido não cagará,
e com um último olhar para as unhas
ela, fazendo rebolar ao máximo o traseiro
desce em direção ao pátio
seguida por seu cachorro constipado (simplesmente sem
se importar),
deixando-me a ver o pombo mais antissinfônico.
bem, quanto ao balanço das coisas, relaxe:
as bombas
nunca vão ser
detonadas.

o cisne

também na primavera os cisnes morrem
e ali ele flutuava
morto num domingo
de lado
circulando em correnteza
e andei até a rotunda
e no alto
deuses em carruagens
cães, mulheres
circulavam,
e a morte
desceu minha garganta
feito um rato,
e ouvi as pessoas chegando
com sacolas de piquenique
e risos,
e me senti culpado
pelo cisne
como se a morte
fosse algo vergonhoso
e feito um tolo
fui embora
e o abandonei

meu lindo cisne.

feijão com alho

isto basta em sua importância:
resfrie seus sentimentos,
isto é melhor do que se barbear
ou cozinhar feijão com alho.
é o mínimo que podemos fazer
esta pequena bravura de conhecimento
e claro que há
também loucura e terror
em saber
que uma parte de você
à qual se deu corda como a um relógio
não pode jamais voltar a girar
uma vez que pare.
mas agora
há um tique-taque debaixo de sua camisa
e você mexe os feijões com uma colher,
um amor morto, um amor distante
outro amor...
ah! tantos amores quanto feijões
sim, conte-os agora
triste, triste
seus sentimentos fervendo sobre a chama,
abaixe o fogo.

um poema é uma cidade

um poema é uma cidade cheia de ruas e esgotos
cheia de santos, heróis, mendigos, loucos,
cheia de banalidade e bebida,
cheia de chuva e trovão e períodos de
seca, um poema é uma cidade em guerra,
um poema é uma cidade perguntando a um relógio por
quê,
um poema é uma cidade em chamas,
um poema é uma cidade sob armas
suas barbearias cheias de bêbados cínicos,
um poema é uma cidade na qual Deus cavalga nu
pelas ruas como Lady Godiva,
onde os cães latem à noite afugentando
a bandeira; um poema é uma cidade de poetas,
na maioria bastante parecidos
e invejosos e amargos...
um poema é esta cidade agora,
a 50 milhas de lugar nenhum,
9:09 da manhã,
o gosto de trago e cigarros,
sem polícia, sem amantes andando nas ruas,
este poema, esta cidade, fechando suas portas,
barricada, quase vazia,

triste sem lágrimas, envelhecendo sem piedade,
as montanhas rochosas,
o oceano como chama de lavanda,
uma lua desprovida de grandeza,
baixa música em janelas quebradas...

.

um poema é uma cidade, um poema é uma nação,
um poema é o mundo...

.

e agora enquanto enfio isto aqui sob vidro
para o escrutínio do louco editor macilento,
e a noite está em outro lugar
e débeis senhoras cinzentas fazem fila,
cão segue cão rumo ao estuário,
as trombetas trazem forcas
enquanto homenzinhos reclamam de coisas
que não conseguem fazer.

consumação da dor

eu até ouço as montanhas
o jeito como riem
pra cima e pra baixo nas encostas azuis
e lá embaixo na água
os peixes choram
e a água toda
são suas lágrimas.
eu ouço a água
nas noites que passo bebendo
e a tristeza se torna tão grande
que a ouço no meu relógio
ela vira um calombo na minha cômoda
ela vira papel no chão
ela vira uma calçadeira
uma nota da lavanderia
ela vira
fumaça de cigarro
escalando uma capela de vinhas escuras...
.
pouco importa
.
bem pouco amor não é tão ruim
ou bem pouca vida

.

o que conta
está esperando nas paredes
eu nasci para isso

.

nasci para trambicar rosas nas avenidas dos mortos.

para Jane: com todo o amor que eu tinha, que não foi suficiente

eu junto a saia,
junto as contas cintilantes
pretas,
essa coisa que um dia se mexeu
em volta de carne,
e chamo Deus de mentiroso,
porque qualquer coisa que se mexesse
daquele jeito
ou soubesse
meu nome
jamais poderia morrer
na veracidade comum da morte,
e junto
do chão seu encantador
vestido,
o encanto dela se foi,
e falo a
todos os deuses,
deuses judeus, deuses-Cristo,
lascas de coisas lampejantes,
ídolos, pílulas, pão,
braças, riscos,

rendição inteligente,
ratos no molho de 2 que piraram
sem a menor chance,
inteligência de beija-flor, chance de beija-flor,
eu me curvo em cima disso,
eu me curvo em cima disso tudo
e sei:
seu vestido em meu braço:
mas
não vão
devolvê-la pra mim.

para Jane

225 dias sob a grama
e você sabe mais do que eu.

.

há muito tiraram seu sangue,
você virou vara seca numa cesta.

.

é assim que funciona?

.

neste quarto
as horas de amor
ainda fazem sombras.

.

quando partiu
você levou quase
tudo.

.

toda noite me ajoelho
perante tigres
que não me deixam em paz.

.

o que você foi
não vai acontecer de novo.

.

os tigres me acharam
e eu não me importo.

John Dillinger e le chasseur maudit

é uma desgraça, e simplesmente não é o estilo, mas não estou nem aí:

garotas me lembram cabelos no ralo, garotas me lembram de intestinos

e bexigas e movimentos excretórios; é uma desgraça que também

carrocinhas de sorvete, bebês, válvulas de motor, plagióstomos, palmeiras,

passos no corredor... tudo isso me excita com a fria calma

de uma lápide; em nenhum lugar, talvez, haja santuário exceto

em ouvir falar que houve antes outros homens desesperados:

Dillinger, Rimbaud, Villon, Babyface Nelson, Sêneca, Van Gogh,

ou mulheres desesperadas: lutadoras, enfermeiras, garçonetes, prostitutas

poetas... ainda que

eu considere que o estalar dos gelos na fôrma seja importante

ou um rato farejando uma lata de cerveja vazia – dois vazios profundos se encarando,

ou o mar noturno entupido de asquerosos navios
que entram pela cuidadosa teia de seu cérebro com suas
luzes,
com suas luzes salgadas
que tocam você e o abandonam
pelo amor mais sólido de alguma Índia;
ou dirigir longas distâncias sem nenhuma razão
dormir drogado entre janelas abertas que
rasgam e golpeiam sua camisa como um pássaro assus-
tado,
e sempre os semáforos, sempre vermelhos,
fogo noturno e derrota, derrota...
escorpiões, pancadarias, fardos:
ex-empregos, ex-mulheres, ex-rostos, ex-vidas,
Beethoven em sua cova tão morto como uma beterraba;
carretas vermelhas, sim, talvez,
ou uma carta do Inferno assinada pelo diabo
ou dois bons rapazes mandando porrada um no outro
em algum estádio de segunda cheio de fumaça urrante,
mas a maior parte do tempo, nem aí, eu sentado aqui
com a boca cheia de dentes podres,
sentado aqui lendo Herrick e Spenser e
Marvell e Hopkins e Brontë (Emily, hoje);
e ouvindo ***A bruxa do meio-dia*** do Dvorak
ou ***Le Chasseur Maudit*** do Franck,
de fato não estou nem aí pra nada, e isso é uma desgra-
ça:

venho recebendo cartas de um jovem poeta
(muito jovem, ao que parece) me dizendo que algum dia
serei seguramente reconhecido como
um dos maiores poetas do mundo. **Poeta!**
uma má conduta: hoje caminhei ao sol pelas ruas
desta cidade: vendo nada, aprendendo nada, sendo
nada, para depois voltar ao meu quarto
passei por uma velha senhora que sorria um sorriso hor-
rendo;
ela já estava morta, e em toda a parte eu me lembrava
de cabos:
cabos de telefone, cabos da rede elétrica, cabos para ros-
tos elétricos
encurralados como peixes dourados no aquário e sorrin-
do,
e os pássaros já se foram, nenhum dos pássaros a fim de
cabos
ou sorrisos de cabos
e eu fecho minha porta (finalmente)
mas através das janelas seguia tudo igual:
uma buzina soou, alguém riu, outro deu a descarga,
e então de um jeito estranho
pensei em todos os cavalos numerados
que se foram ao som do grito,
como Sócrates, como Lorca,
como Chatterton...
prefiro imaginar que nossas mortes não importarão muita

coisa

senão como uma questão exposta, um problema,

como pôr o lixo para fora,

e ainda que eu tenha guardado as cartas do jovem poeta

não acredito nelas

mas feito as

palmeiras enfermas

e o pôr do sol

eu de vez em quando as olho.

crucifixo em uma mão morta

sim, elas começam a surgir a partir de um salgueiro, penso

as montanhas enrijecidas começam no salgueiro
e seguem erguendo-se sem qualquer consideração por
pumas e nectarinas

de algum modo essas montanhas são como
uma velha senhora com má memória e
um cesto de compras.

estamos numa depressão. esta é a
ideia. mergulhada na areia e entre alamedas,
esta terra perfurada, algemada, dividida,
retida como um crucifixo numa mão morta,
esta terra comprada, revendida, comprada de novo e
vendida de novo, tantas e longas guerras,
os espanhóis refazendo o caminho de volta até a Espanha

mais uma vez os ilhós, e agora
corretores, locadores, sublocadores, engenheiros que discutem

à beira de autoestradas. esta é a terra deles e
eu caminho sobre ela, vivo nela um pouco
perto de Hollywood aqui eu vejo jovens em seus quartos
escutando discos gastos

e também penso em velhos fartos de música
fartos de tudo, e a morte como suicídio
às vezes penso que é voluntário, e que para conseguir
se agarrar a esta terra é melhor voltar ao
Grande Mercado Central, ver as velhas mexicanas,
os pobres... tenho certeza de que você já viu essas mu-
lheres
anos e anos a fio
brigando
com os mesmos e jovens atendentes japoneses
argutos, sábios e dourados
entre seus sublimes estoques de laranjas, maçãs
abacates, tomates, pepinos –
e você sabe o aspecto **desses**, parecem ótimos
se você pudesse comer todos eles
acender um charuto e numa baforada exalar o mundo
mau.
de modo que é melhor retornar para os bares, os mes-
mos bares
amadeirados, fedidos, implacáveis, verdes
pela presença de jovens policiais que os invadem
assustados e em busca de confusão,
e a cerveja continuará um lixo
com aquele gosto final que é mistura de vômito e
decadência, e mergulhado nas sombras você tem que ser
forte
para ignorá-lo, ignorar os pobres e a si mesmo

e a sacola de compras entre suas pernas
ali no chão e se sentindo bem com seus abacates e
laranjas e peixe fresco e garrafas de vinho, quem precisa
de um inverno em Fort Lauderdale?

25 anos atrás costumava haver uma puta ali
com um filme sobre um dos olhos, gorda ao extremo
que fazia pequenas sinetas com o papel laminado do
maço de cigarro. o sol parecia esquentar mais então
ainda que isso dificilmente seja
verdade, e você apanha sua sacola de compras
e sai a caminhar pela rua
e a cerveja verde fica ali
pairando na boca de seu estômago como
uma curta e vergonhosa mantilha, e
você dá uma olhada ao redor e já não
vê nenhum
velho.

CRUCIFIX IN A DEATHHAND

YES, THEY BEGIN OUT IN THE WILLOW, I THINK
 THE STARCH MOUNTAINS BEGIN OUT IN THE WILLOW
 AND KEEP RIGHT ON GOING WITHOUT REGARD FOR
 DUMAS OR NECTARINES
 SOMEHOW THESE MOUNTAINS ARE LIKE AN OLD WOMAN
 WITH A BAD MEMORY AND A SHOPPING
 BASKET. WE ARE IN THE BRUSH, THAT IS THE
 IDEA. DOWN IN THE SAND AND THE ALLEYS
 THIS LAND PUNCHED-IN, CUTTED-OUT, DIVIDED,
 HELD LIKE A CRUCIFIX IN A DEATHHAND,
 SOLD AGAIN, RESCUED, BOUGHT AGAIN AND
 THE SPANARDS ALL THE WAY BACK IN SPAIN
 DOWN IN THE THIMBLE AGAIN, AND NOW
 REAL ESTATEERS, SUBORDINATES, LANDLORDS, FREEWAY
 ENGINEERS ARGUING. THIS IS THEIR LAND AND
 I WALK ON IT, LIVE ON IT A LITTLE WHILE
 NEAR HOLLYWOOD HERE WHERE I SEE YOUNG MEN IN ROOMS
 LISTENING TO GLAZED RECORDINGS
 AND I THINK TOO OF OLD MEN SICK OF MUSIC
 SICK OF EVERYTHING, AND DEATH LIKE SUICIDE
 I THINK IS SOMETHING VOLUNTARY, AND TO GET YOUR
 HOLD ON THE LAND HERE IT IS BEST TO RETURN TO THE
 GRAND CENTRAL MARKET, SEE THE OLD MEXICAN WOMEN
 THE POOR... I AM SURE YOU HAVE SEEN THESE SAME WOMEN
 MANY YEARS BEFORE
 ARGUING
 WITH THE SAME YOUNG JAPANESE CLERKS
 WITH, KNOWLEDGEABLE AND GOLDEN
 AMONG THEIR SOMBER STORE OF ORANGES, APPLES,
 AVOCADOS, TOMATOES, CUCUMBERS—
 AND YOU KNOW HOW THESE LOOK, THEY DO LOOK GOOD
 AS IF YOU COULD EAT THEM ALL
 LIGHT A CIGAR AND SMOKE AWAY THE BAD WORLD,
 THEN IT'S BEST TO GO BACK TO THE BARS, THE SAME BARS—
 WOODEN, STALE, MERCILESS, GREEN
 WITH THE YOUNG POLICEMAN WALKING THROUGH
 SCARED AND LOOKING FOR TROUBLE
 AND THE BEER IS STILL BAD
 IT HAS AN EDGE THAT ALREADY MIXES WITH VOMIT AND
 DECAY, AND YOU GOT TO BE STRONG IN THE SHADOWS—
 TO IGNORE IT, TO IGNORE THE POOR AND TO IGNORE YOURSELF
 AND THE SHOPPING BAG BETWEEN YOUR LEGS
 DOWN THERE FEELING GOOD WITH ITS AVOCADOS AND ORANGES AND
 FRESH FISH AND WINE BOTTLE WHO NEEDS A TURT LAVERDING WINTER?
 25 YEARS AGO THERE USED TO BE A WHORE THERE WITH A
 FIRM OVER ONE EYE WHO WAS TOO FAT AND MADE LITTLE SILVER BELLS
 OUT OF CIGARETTE TINFOIL. THE SUN SEEMED WARMER THEN
 ALTHOUGH THIS WAS PROBABLY NOT
 TRUE, AND YOU
 TAKE YOUR SHOPPING BAG OUTSIDE AND WALK ALONG THE STREET
 AND THE GREEN BEER HANGS THERE JUST ABOVE YOUR STOMACH LIKE
 A SHORT AND SHAMEFUL SHAWL, AND
 YOU LOOK AROUND AND NO LONGER
 SEE ANY
 OLD MEN.

Charles Bukowski

alguma coisa para os especuladores, para as freiras, para os atendedores do mercado e para você...

nós temos tudo e não temos nada
e alguns homens resolvem as coisas em igrejas
e outros homens resolvem as coisas partindo borboletas
ao meio
e alguns homens resolvem as coisas em Palm Springs
enfando-as em loiras amanteigadas
com almas de Cadillac
Cadillacs e borboletas
nada e tudo,
o rosto derretendo até a última baforada
num porão em Corpus Christi
há alguma coisa para os especuladores, para as freiras,
para os atendedores do mercado e para você...
alguma coisa às 8 da manhã, alguma coisa na biblioteca
alguma coisa no rio,
tudo e nada,
no matadouro essa coisa vem correndo ao longo
do teto presa a um gancho, e você a balança –
um
dois

três

e então você consegue, \$200 de carne
morta, os ossos contra os seus
alguma coisa e nada.

é sempre cedo demais para morrer e
ao mesmo tempo tarde demais,
e o sangue extraído na bacia branca
nada lhe revela de fato
e os coveiros jogando pôquer além
das 5 da manhã, esperando que o gramado
se liberte da geada...
eles não lhe revelam nada de nada.

.

nós temos tudo e não temos nada –
dias com arestas de vidro e o fedor insuportável
de musgos do rio – pior do que merda;
dias de tabuleiro de movimentos e contramovimentos,
o interesse gasto, tendo a derrota ou a vitória o mesmo
sentido; dias lentos como mulas
a carregá-los estilhaçados e tristes e endurecidos pelo sol
por uma estrada onde um louco aguarda sentado entre
passarinhos azuis e cambaxirras aprisionados e sugados
até um cinza
quebradiço.

bons dias também de vinho e gritaria, brigas
em becos, pernas gordas de mulheres lutando ao redor
de suas entranhas enterradas em gemidos,

os sinais nas arenas como diamantes gritando
Mãe Capri, violetas rasgando o chão
dizendo para você que se esqueça dos exércitos mortos e
dos amores
que lhe roubaram.

dias em que as crianças dizem coisas engraçadas e bri-
lhantes
como selvagens tentando lhe mandar uma mensagem
através
de seus corpos enquanto seus corpos ainda
têm vida o suficiente para transmitir e sentir e correr pa-
ra lá
e para cá sem amarras e contracheques e
ideais e posses e opiniões
de girino.

dias em que você pode chorar o dia inteiro num
quarto verde com a porta trancada, dias
em que você pode rir na cara do entregador de pães
porque as pernas dele são muito longas, dias
de olhar para cercas...

.

e nada, e nada. dias de
chefes, de homens amarelos
com mau hálito e pés grandes, homens
que parecem sapos, hienas, homens que caminham
como se a melodia jamais tivesse sido inventada, ho-
mens

que pensam que é inteligente contratar e demitir e
lucrar, homens com mulheres caras que eles possuem
como 60 acres de solo a ser perfurado
ou a serem exibidas ou postas a segura distância
dos incompetentes, homens capazes de matar você
porque eles são loucos e o justificam porque
esta é a lei, homens que se plantam em frente a
janelas com 9 metros de extensão e não veem nada,
homens com iates de luxo capazes de dar a volta
ao mundo e ainda assim jamais saírem dos bolsos de
seus
coletes, homens como caracóis, homens como enguias,
homens
como lesmas, e não tão bons quanto...

.

e nada, recebendo seu último salário
num porto, numa fábrica, num hospital, numa
fábrica de aviões, em fliperamas, numa
barbearia, num emprego que você não pode
tolerar.

imposto de renda, doença, servidão, braços
quebrados, cabeças quebradas – o enchimento todo
saltando para fora como de um velho travesseiro.

.

nós temos tudo e não temos nada.

alguns se viram bem por algum tempo e
depois desistem. a fama os pega ou a repulsa

ou a idade ou a falta de uma dieta adequada ou a tinta
nos olhos ou crianças nas faculdades
ou carros novos ou costas lesionadas ao esquiar
na Suíça ou novos políticos ou novas esposas
ou apenas a mudança natural e a decadência –
o homem que você conheceu ontem dando ganchos
durante dez assaltos ou bebendo por três dias e
três noites nas montanhas Sawtooth agora
apenas alguma coisa debaixo de um lençol ou de uma
cruz
ou de uma pedra ou debaixo de uma fácil desilusão,
ou carregando uma bíblia ou uma sacola de golfe ou uma
valise: como eles vão, como eles vão! – todos
aqueles que você jamais pensou que iriam.

.
dias como este. como o seu dia hoje.
talvez a chuva na janela tentando
atravessar e chegar até você. o que você está vendo?
o que é? onde você está? os melhores
dias são às vezes os primeiros, às vezes
os intermediários e até mesmo por vezes os derradeiros.
as vagas vazias não estão mal, as igrejas nos
postais da Europa não estão mal. as pessoas
nos museus de cera congeladas em sua melhor esterili-
dade
não estão mal, horríveis mas não mal. o
canhão, pense no canhão. e a torrada no

café da manhã o café quente a ponto de você
saber que sua língua continua aí. três
gerânios do lado de fora da janela, tentando ser
vermelhos e tentando ser cor-de-rosa e tentando ser
gerânios. não é de espantar que às vezes as mulheres
chorem, não é de espantar que as mulas não queiram
subir as colinas. você está num quarto de hotel
em Detroit atrás de um cigarro? mais um dia
dos bons. um pedacinho dele. e enquanto isso
as enfermeiras saem do prédio depois
de seu turno, tendo tido o bastante, oito enfermeiras
com diferentes nomes e lugares diferentes
para ir – atravessando o gramado, algumas delas
querem chocolate quente e um jornal, algumas delas
querem um
banho quente, algumas delas querem um homem, algu-
mas
delas dificilmente pensam em qualquer coisa. o que bas-
ta
e o que não basta. arcos e peregrinos, sarjetas
laranjas, samambaias, anticorpos, caixas de
lenços de papel.

.

no sol por vezes mais decente
há o sentimento levemente esfumaçado das urnas
e o som enlatado de velhos aviões de guerra
e se você entrar e correr seu dedo

pelo peitoril da janela você encontrará
sujeira, talvez até mesmo um pouco de terra.
e se você olhar através da janela
o dia chegará, e quando
ficar mais velho você seguirá olhando
seguirá olhando
chupando a língua de leve
ah ah não não talvez

.

alguns o fazem de modo natural
alguns de maneira obscena
em toda a parte.

no 6

vou mesmo com o cavalo no 6
numa tarde chuvosa
um copo de papel com café
na mão
falta ainda um pouco,
o vento fazendo voejar em espiral
pequenas cambaxirras do
telhado da arquibancada superior,
os jóqueis surgindo
para uma meia corrida
em silêncio
e a chuva mansa fazendo
tudo
de uma só vez
parecer quase igual,
os cavalos em paz uns
com os outros
antes da guerra bêbada
e eu estou na parte coberta da arquibancada
ansiando por
cigarros
conformado com o café,
então os cavalos se aproximam

levando seus homenzinhos
dali –
é fúnebre e gracioso
e agradável
como o abrir
das flores.

e a lua e as estrelas e o mundo:

longas caminhadas à
noite –
isso é que é bom
para
a alma:
espiar janelas
ver donas de casa
cansadas
tentando
rechaçar
seus maridos enlouquecidos de
cerveja.

história verdadeira

eles o encontraram caminhando ao longo da autoestrada
coberto de vermelho
na frente
ele apanhara uma lata enferrujada
e cortara seu maquinário
sexual
como a dizer –
vejam o que fizeram
comigo? vocês bem poderiam ficar com o
resto.

.

e ele colocou uma parte de si
num dos bolsos e
outra parte de si
no outro
e foi assim que o encontraram,
seguindo em
frente.

.

eles o encaminharam para os
médicos
que tentaram costurar de volta
as

partes
mas as partes estavam
bastante satisfeitas
de estarem como
estavam.

.
às vezes eu penso em todos os bons
caras
que se transformam
nos monstros do
mundo.

.
talvez tenha sido sua forma de protestar contra
isto ou
protestar
contra
tudo.

.
um homem solitário
A Marcha da Liberdade
que nunca se espremeu
entre
as críticas de concertos e os
resultados do
beisebol.

.
Deus, ou alguém,

o
abençoe.

o gênio da multidão

Há uma dose suficiente de ódio, deslealdade,
violência,

Absurdidade no ser humano
médio

Para abastecer qualquer exército a qualquer
momento.

E Os Melhores No Assassinato São Aqueles
Que Pregam Contra Ele.

E Os Melhores No Ódio São Aqueles
Que Pregam AMOR

E OS MELHORES NA GUERRA

— FINALMENTE — SÃO AQUELES QUE
PREGAM

PAZ

.

Os Que Pregam DEUS

PRECISAM De Deus

Os Que Pregam PAZ

Não Têm Paz.

OS QUE PREGAM AMOR

NÃO TÊM AMOR

CUIDADO COM OS PREGADORES

Cuidado Com Quem Sabe Tudo.

.
Cuidado
Com Quem
Está SEMPRE
LENDO
LIVROS

.
Cuidado Com Quem Detesta
Pobreza Ou Se Orgulha Dela

.
CUIDADO Com Os Rápidos Em Louvar
Pois Precisam De LOUVOR Em Retribuição
CUIDADO Com Os Rápidos Em Censurar:
Eles Temem Aquilo Que
Não Sabem

.
Cuidado Com Os Que Buscam A Constante
Multidão; Eles Não São Nada
Sozinhos

.
Cuidado
Com O Homem Médio
Com A Mulher Média
CUIDADO Com Seu Amor

.
Seu Amor É Médio, Busca
O Médio

Mas Há Gênio Em Seu Ódio
Há Gênio Suficiente Em Seu
Ódio Para Te Matar, Para Matar
Qualquer Um.

Não Querendo A Solidão
Não Entendendo A Solidão
Tentarão Destruir
Qualquer Coisa
Que Divirja
Da Deles

.
Não Sendo Capazes
De Criar Arte
Nunca Irão
Entender A Arte

.
Vão Considerar Seu Fracasso
Como Criadores
Como Um Mero Fracasso
Do Mundo

.
Não Sendo Capazes De Amar Plenamente
ACREDITARÃO Que Teu Amor É
Incompleto
E ENTÃO VÃO TE
ODIAR

.

E Seu Ódio Será Perfeito
Como Um Diamante Brilhante
Como Uma Faca
Como Uma Montanha
COMO UM TIGRE
COMO Cicuta
Sua Mais Refinada
ARTE

conheci um gênio

conheci um gênio hoje no
trem
tinha uns 6 anos,
sentou-se a meu lado
e enquanto o trem
seguia ao longo da costa
nos deparamos com o oceano
e então ele me olhou
e disse,
“não é bonito”.

.
foi a primeira vez em que me dei
conta
disso.

suástica abotoada na minha bunda

sentado aqui queimando aranhas fatalmente com meu
charuto
mal consigo acreditar que as xotas de vocês são todas
tão
doces quanto as minhas costumavam
ser.
eu fazia em lareiras
em escadas de incêndio
em milharais
no quarto da mãe (com a mãe) (às vezes)
em meio a explosões de bomba em Nantes e St. Étienne
sobre a pia na latrina dos homens
num trem passando por Utah.
já fiz sóbrio
chapado
louco e são.
já fiz quando quis e quando não
quis.
já fiz com mulheres duas vezes mais velhas e com mu-
lheres que tinham metade
da minha idade.
já fiz com animais, já fiz com carne morta:
bife e manteiga derretida e já usei minha

mão.

.

agora as únicas coisas que ficam de pé por aqui
são as hastes que sustentam os
abajures. vou roubar um banco ou encher de porrada um
cego uma hora dessas e nunca saberão
por quê.

os melros estão bravos hoje

solitários como um pomar seco e usado
espalhado pela terra
para uso e rendição.

.

abatidos como um ex-pugilista vendendo
jornais na esquina.

.

tomados de lágrimas feito
uma dançarina envelhecida
que recebeu seu último cheque.

.

um lenço é indispensável teu senhor teu
culto.

.

os melros estão bravos hoje
como
unhas encravadas
num pernoite na
prisão –
vinho vinho vinha,
os melros correm a esmo e
voam a esmo
repisando sobre

ossos e melodias espanholas.

.

e todo lugar é

lugar nenhum –

o sonho é ruim como

panquecas e pneus furados:

por que prosseguimos

com nossas mentes e

bolsos cheios de

pó

como um malcriado recém-saído da

escola –

você me

diga,

você que foi herói em certa

revolução

você que ensina crianças

você que bebe com calma

você que possui casas grandes

e caminha em jardins

você que matou um homem e possui uma

linda mulher

você me diga

por que eu estou em chamas como lixo velho

seco.

.

certamente poderíamos manter uma interessante

correspondência.

o carteiro terá trabalho.

e as borboletas e formigas e pontes e

cemitérios

os fabricantes de foguetes e cães e mecânicos

prosseguirão por um

tempo

até que nos faltem selos

e/ou

ideias.

.

não tenha vergonha de

nada; acho que Deus quis criar tudo

como

fechaduras em

portas.

levando em conta -

levando em conta o que podemos ver –
os motores nos enlouquecendo,
amantes finalmente odiando;
aquele peixe no mercado
encarando o interior das nossas mentes;
flores apodrecendo, moscas presas na teia;
motins, rugidos de leões enjaulados,
palhaços apaixonados por notas de dólar,
nações movendo pessoas como peões;
ladrões diurnos com lindos
vinhos e esposas noturnos;
as prisões lotadas,
o desempregado corriqueiro,
grama moribunda, fogos de meia-tigela;
homens velhos o bastante para amar o túmulo.

.
essas coisas, e outras, em conteúdo
mostram a vida rodopiando num eixo podre.

.
mas nos deixaram um pouco de música
e um espetáculo de salto alto na esquina,
uma dose de scotch, uma gravata azul,
um pequeno volume de poemas de Rimbaud,

um cavalo correndo como se o diabo estivesse
torcendo seu rabo
sobre o pasto e gritando, e então,
o amor outra vez
como um bonde virando a esquina
na hora certa,
a cidade esperando,
o vinho e as flores,
a água andando através do lago
e verão e inverno e verão e verão
e inverno outra vez.

outra academia

como eles podem continuar, você os vê
sentados em velhas entradas
com gorros sujos e manchados e roupas grossas e
nenhum lugar pra ir;
cabeças baixas, braços sobre
joelhos eles
esperam.

ou param na frente da Missão
700 deles
quietos como bois
esperando que os deixem entrar na capela
onde dormirão eretos nos bancos duros
encostados uns nos outros
roncando e
sonhando;
homens
sem.

.

na cidade de Nova York
onde faz mais frio
e eles são caçados por seus próprios
companheiros, com frequência esses homens rastejam
sob os radiadores dos carros,

bebem o anticongelante,
ficam gratos e aquecidos por alguns minutos, e então
morrem.

.

mas essa é uma cultura
mais antiga e mais
sábia;
aqui eles se coçam e
esperam,
enquanto na Sunset Boulevard os
hippies e yippies
pedem carona com suas
botas de
\$50.

.

na frente da Missão, ouvi um cara dizer para
outro:

"John Wayne ganhou."

"Ganhou o quê?", disse o outro cara
jogando o toco de seu cigarro enrolado na
rua.

.

achei essa
bastante boa.

a leitura de poesia

ao meio-dia
numa pequena faculdade perto da praia
sóbrio
o suor escorrendo pelos braços
um pingo de suor na mesa
aliso com meu dedo
dinheiro sangrento dinheiro sangrento
meu deus eles devem achar que adoro isso igual aos outros
mas é para pão e cerveja e aluguel
dinheiro sangrento
estou tenso todo errado me sinto mal
pobre gente estou fracassando estou fracassando
.
uma mulher se levanta
sai
bate a porta
.
um poema sujo
alguém me pediu pra não ler poemas sujos
aqui
.
é tarde demais.

.
meus olhos não enxergam certos versos
eu pulo esses
versos –
tremendo em desespero
todo errado

.
não ouvem minha voz
e eu digo,
desisto, já era, pra mim
acabou.

.
e mais tarde no meu quarto
há scotch e cerveja:
o sangue de um
covarde.

.
este então
será meu destino:
juntar moedinhas em minúsculas salas escuras
lendo poemas dos quais me cansei há
muito.

.
e eu costumava achar
que os homens que dirigiam ônibus
ou limpavam latrinas
ou matavam homens em becos eram

tolos.

os últimos dias do garoto suicida

consigo me ver agora
depois de tantos dias e noites suicidas,
sendo empurrado pra fora de uma dessas estéreis casas
de repouso
(claro, isso é só se eu ficar famoso e tiver sorte)
por uma enfermeira entediada e subnormal...
lá estou eu, sentado ereto na minha cadeira de rodas...
quase cego, olhos rolados para o lado escuro do meu crânio
buscando
a misericórdia da morte...

.

"Não é um dia lindo, sr. Bukowski?"

.

"Ah, sim, sim..."

.

as crianças passam andando e eu nem existo
e adoráveis mulheres passam
com grandes quadris gostosos
e nádegas quentes e tudo firme gostoso
rezando pra ser amadas
e eu nem mesmo
existo...

.

"É o primeiro sol que aparece em 3 dias,
sr. Bukowski."

.

"Ah, sim, sim."

.

lá estou eu, sentado ereto na minha cadeira de rodas,
estou mais branco do que esta folha de papel,
exangue,
cérebro perdido, jogo perdido, eu, Bukowski,
perdido...

.

"Não é um dia lindo, sr. Bukowski?"

.

"Ah, sim, sim...", mijando no meu pijama, baba escorren-
do da boca.

.

2 meninos de uma escola passam correndo –

.

"Ei, você viu aquele velho?"

.

"Nossa, sim, me deu nojo!"

.

depois de todas as ameaças de fazê-lo
outra pessoa cometeu suicídio por mim
afinal.

.

a enfermeira detém a cadeira de rodas, arranca uma rosa de um arbusto próximo,
bota na minha
mão.

.
não sei nem dizer
o que é. pode até ser o meu pinto
porque não serve
pra nada.

o banho

nós gostamos de tomar banho depois
(gosto mais do que ela de água bem quente)
e o rosto dela é sempre macio e calmo
e ela me lava primeiro
espalha espuma pelo meu saco
levanta o saco
aperta os colhões,
então lava o pau:
“ei, essa coisa ainda está dura!”
então pega os pelos todos ali embaixo –
a barriga, as costas, o pescoço, as pernas,
eu abro sorriso sorriso sorriso,
e então a lavo...
primeiro a xota, eu
fico atrás dela, meu pau em suas nádegas
vou ensaboando suavemente os pelos da xota,
lavo ali num movimento relaxante,
me demoro talvez mais que o necessário,
então pego a parte de trás das pernas, a bunda,
as costas, o pescoço, eu a viro, eu a beijo,
ensaboo os peitos, pego eles e a barriga, o pescoço,
a frente das pernas, os tornozelos, os pés,
e então a xota, mais uma vez, pra dar sorte...

outro beijo, e ela sai primeiro,
entoalhada, às vezes cantando enquanto eu permaneço
ligando a água no mais quente
curtindo os bons momentos do milagre do amor
e então saio...
geralmente é a calma do meio da tarde,
vestindo as roupas conversamos sobre o que mais
pode haver pra fazer,
mas estarmos juntos resolve a maior parte,
na verdade, resolve tudo
pois enquanto essas coisas permanecerem resolvidas
na história da mulher e do
homem, é diferente pra cada um
melhor e pior pra cada um –
para mim, já é bastante esplêndido recordar
a passagem dos exércitos em marcha
e os cavalos percorrendo as ruas lá fora
a passagem das memórias de dor e derrota e infelicida-
de:
Linda, você o trouxe pra mim,
quando levá-lo embora
vá devagar, sem esforço
leve-o como se eu estivesse morrendo no meu sono e
não na
minha vida, amém.

o tordo-dos-remédios

o tordo-dos-remédios vinha seguindo aquele gato
pelo verão todo
remedando remedando
provocador, todo convencido;
o gato rastejava sob cadeiras de balanço em varandas
rabo em riste
e dizia para o tordo algo muito furioso
que eu não entendia.

.

ontem o gato surgiu tranquilo pela frente da garagem
com o tordo vivo na boca,
asas em leque, belíssimas asas em leque, baqueadas,
plumas abertas como pernas de mulher no sexo,
e o pássaro já não remedava,
ele pedia, ele rogava
mas o gato
andando a passos largos pelos séculos
não dava atenção.

.

vi o gato rastejar pra baixo de um carro amarelo
com o pássaro
para barganhá-lo a outro lugar.

.

o verão tinha terminado.

The Mockingbird

the mockingbird has been following the cat
all summer
mocking mocking mocking
teasing ~~and~~ and cocksure;
the cat crawled under rockers on porches
tail flashing
and he said something very angry to the mockingbird
which I didn't understand.
~~of course, the bird was protesting its nest.~~
~~I understood.~~

yesterday the cat walked calmly up the driveway
with the mockingbird alive in its mouth,
wings fanned, beautiful wings fanned and flopping,
feathers parted like a woman's legs in sex,
and the bird was no longer mocking,
it was asking, it was praying
but the cat
striding down through centuries
would not listen.

I saw it crawl under a yellow car
with the bird
to bargain it to another place.

summer was over.

Charles E. Bunker

estilo

estilo é a resposta pra tudo –
um jeito novo de abordar algo chato ou
perigoso.

fazer algo chato com estilo
é preferível a fazer algo perigoso
sem ele.

.

Joana d'Arc tinha estilo

João Batista

Cristo

Sócrates

César,

García Lorca.

.

estilo é a diferença,
um jeito de fazer,
um jeito de ser feito.

.

6 garças paradas quietas numa poça d'água
ou você saindo do banheiro nua
sem me
ver.

garota de minissaia lendo a Bíblia na minha janela

domingo. estou comendo uma
toranja. missa acabou na Russa
Ortodoxa da zona
oeste.
ela é morena
de ascendência oriental,
grandes olhos castanhos levantam da Bíblia
então descem. uma pequena Bíblia vermelha e
preta, e enquanto ela lê
suas pernas ficam mexendo, mexendo,
ela dança num ritmo lento
lendo a Bíblia...
longos brincos de ouro;
2 pulseiras de ouro em cada braço,
e é um **terninho**, eu acho,
o pano cobre seu corpo,
do mais leve bronzeado é o pano,
ela se torce pra lá e pra cá,
longas pernas jovens aquecidas ao sol...
.
não há como escapar de seu ser
não há desejo disso...

meu rádio toca música sinfônica
que ela não pode ouvir
mas seus movimentos coincidem ***exatamente***
com os ritmos da
sinfonia...

.

ela é morena, ela é morena
ela está lendo sobre Deus.

.

eu sou Deus.

o cadarço

uma mulher, um pneu que furou, uma
doença, um
desejo; medos na sua frente,
medos tão imóveis
que dá pra estudá-los
como peças num
tabuleiro de xadrez...
não são as coisas grandes que
botam um homem no
hospício... pra morte ele está pronto, ou
assassinato, incesto, roubo, incêndio, enchente...
não, é a contínua série de *pequenas* tragédias
que bota um homem no
hospício...
não a morte de seu amor
mas um cadarço que se rompe
quando não resta tempo...
o pavor da vida
é a vasta montanha de merdas triviais
que podem matar mais rápido que o câncer
e que estão sempre conosco –
emplacamento ou impostos
ou carteira de motorista vencida,

ou contratar ou demitir,
meter em alguém ou alguém te meter, ou
peidos ou constipação
ou multas por excesso de velocidade
ou raquitismo ou grilos ou ratos ou cupins ou
baratas ou moscas ou um
gancho quebrado numa
tela, ou sem gasolina
ou gasolina demais,
a pia está entupida, o senhorio está bêbado,
o presidente não se importa e o governador é
louco.

interruptor quebrado, colchão feito porco-espinho;
\$105 para uma retificação, carburador e bomba de com-
bustível na

Sears Roebuck;

e a conta de telefone em alta e o mercado
em baixa

e a corrente da privada quebrou,

e a luz queimou –

a luz do corredor, a luz da frente, a luz dos fundos,

a luz de dentro; está

mais escuro que o inferno

e duas vezes mais

caro.

e há sempre piolhos pubianos e unhas encravadas

e pessoas insistindo que são

suas amigas;
tem sempre isso e pior:
gonorreia, Cristo e Natal;
salame azul, chuvas de 9 dias,
abacates de 50 centavos
e linguiça de fígado
roxa.

.
ou tramar
como garçõete na Norm's no turno quebrado,
ou como esvaziador de
penicos,
ou como lavador de carros ou ajudante de garçom
ou ladrão de bolsas de velhinhas
deixando-as gritando nas calçadas
com braços quebrados aos 80
anos.

de repente
2 luzes vermelhas no seu espelho retrovisor
e sangue na sua
roupa íntima;
e dor de dente, e \$979 por uma ponte
\$300 por um dente de
ouro,
e China e Rússia e América, e
cabelo comprido e cabelo curto e nada de
cabelo, e barbas e nada de

barbas, e rostos e nada de
rostos, e muito **zigue-zague** mas nenhum
lugar pra cair morto, exceto talvez na privada ou
em cima das próprias
tripas.

a cada cadarço rompido
em meio a cem cadarços rompidos,
um homem, uma mulher, uma
coisa
entra num
hospício.

.

então tome cuidado
quando você
se curvar.

esses filhos da puta

os mortos vêm correndo de lado
segurando anúncios de pasta de dente,
os mortos ficam bêbados na véspera de Ano Novo
satisfeitos no Natal
gratos no Dia de Ação de Graças
entediados no 4 de Julho
vadiando no Dia do Trabalho
confusos na Páscoa
sombrios em enterros
fazendo palhaçadas em hospitais
nervosos no nascimento;
os mortos compram meias e calções
e cintos e tapetes e vasos e
mesinhas de centro,
os mortos dançam com os mortos
os mortos dormem com os mortos
os mortos comem com os mortos.

.

os mortos ficam famintos contemplando cabeças de porcos.

.

os mortos ficam ricos
os mortos ficam mais mortos

.

esses filhos da puta

.

este cemitério acima do solo

.

uma lápide para a bagunça,

eu digo:

humanidade, você entendeu tudo errado
desde o começo.

quente

ela era quente, era tão quente
que eu não queria que ninguém mais a tivesse,
e se eu não chegasse em casa na hora certa
ela já teria ido, e era uma coisa que eu não podia suportar –

eu enlouquecia...

era uma idiotice, eu sei, uma infantilidade,
mas eu me deixava levar, eu me deixava levar.

.

eu entregava todas as correspondências
e então Henderson me colocava na coleta noturna
num velho caminhão do exército,
a porra da lata velha começava a aquecer na metade do
caminho

e a noite seguia

eu pensando na minha Miriam quente

e entrando e saindo do caminhão

enchendo sacolas com cartas

o motor prestes a fundir

a agulha do termômetro cravada no vermelho

QUENTE QUENTE

como Miriam.

.

eu seguia saltando
mais 3 coletas e então de volta ao posto
eu estaria, meu carro
à espera de me levar até Miriam que estaria sentada em
meu sofá azul
com um uísque com gelo
cruzando as pernas e balançando os tornozelos
como costumava fazer,
duas coletas mais...
o caminhão enguiçou junto a um sinal, era o inferno
dando suas caras
mais uma vez...
eu tinha que chegar em casa até as 8, 8 era o prazo final
de Miriam.

.

fiz a última coleta e o caminhão enguiçou num sinal
a meia quadra do posto...
não tinha jeito de dar a partida, de jeito nenhum...
tranquei as portas, apanhei a chave e corri até o
posto...
me liberei das chaves... assinei o ponto...
"a porra do seu caminhão está enguiçado no sinal,
Pico com a Western..."

.

...corri pelo corredor, coloquei a chave na porta,
abri... seu copo de bebida estava lá, e um bilhete:

.

fio da puta:

isperei até 8 e cinco

você não me ama

seu fio da puta

alguém vai me amar

fiquei isperando o dia todo

Miriam

.
servi um drinque e deixei a água encher a banheira
havia 5.000 bares na cidade
e eu percorri 25 deles
atrás de Miriam

.
seu ursinho púrpuro de pelúcia segurava o bilhete
e ele estava escorado num travesseiro

.
dei um trago para o urso, outro para mim
e entrei na água
quente

problema com espanha

entrei no chuveiro
e queimei meus bagos
na última quarta-feira.

.

conheci este pintor chamado Espanha,
não, ele era um cartunista,
bem, conheci-o numa festa
e todos ficaram putos comigo
por eu não saber quem ele era
ou o que ele fazia.

.

ele era um cara bem bonito
e suponho que ele tenha ficado com ciúmes
por eu ser tão feio.
eles me disseram seu nome
e ele estava encostado contra a parede
parecendo bonito, e eu disse:
ei, Espanha, gosto desse nome: Espanha.
mas não gosto de você. por que não vamos
até o jardim para eu dar uma bica nesse seu
rabo?

.

isto deixou a anfitriã irritada

e ela foi em sua direção e lhe esfregou o pau
enquanto eu ia até o banheiro
e me aliviava.

.

mas todos estão brabos comigo
Bukowski, ele já não sabe escrever, está acabado.
vazio. vejam como ele bebe.
nunca teve o hábito de ir a festas.
agora vem às festas e bebe todas
e insulta aqueles que têm talento de verdade.
eu costumava ter admiração por ele quando cortou os
pulsos
ou quando tentou se matar com
gás. olhem para ele agora secando aquela garota de 19
anos, e vocês sabem que ele
já não levanta.

.

eu não apenas queimei meus bagos naquele chuveiro
na última quarta-feira, eu me virei para escapar daquela
água
fervente e queimei também o olho do
cu.

um rádio com fibra

era num 2o andar da Coronado Street
eu costumava encher a cara
e jogar o rádio pela janela
enquanto ele tocava, e, claro,
ele quebrava o vidro da janela
e o rádio ficava lá fora no telhado
ainda tocando
e eu dizia à minha mulher,
"Ah, que rádio maravilhoso!"

.

na manhã seguinte eu tirava a janela
das dobradiças
e a carregava pela rua
até o vidraceiro
que colocava outra vidraça.

.

eu nunca deixava de jogar aquele rádio pela janela
toda vez que enchia a cara
e ele ficava lá fora no telhado
ainda tocando –
um rádio simplesmente mágico
um rádio com fibra,
e toda manhã eu levava a janela

de volta para o vidraceiro.

.

não lembro exatamente como terminou

mas lembro

que afinal nos mudamos.

havia uma mulher no andar de baixo que trabalhava

no jardim de maiô

e seu marido reclamava que não conseguia dormir

por minha causa

então nos mudamos

e no endereço seguinte

ou esqueci de jogar o rádio pela janela

ou perdi a

vontade.

.

e lembro que senti falta da mulher que trabalhava no

jardim de maiô,

ela realmente cavava com aquela espátula

e levantava o traseiro no ar

e eu costumava sentar na janela

e ver o sol brilhar naquela coisa toda

.

enquanto a música tocava.

poema de amor para Marina

minha menina tem 8 anos
e isso é idade suficiente para pensar
bem ou mal ou
qualquer coisa
então relaxo em volta dela e
ouço várias coisas espantosas
sobre sexo
a vida em geral e a vida em particular;
na maior parte é muito
fácil
exceto que eu me tornei pai quando os homens na maioria
se tornam avôs, sou um iniciante muito tardio
em tudo,
e eu me deito na grama e na areia
e ela arranca dentes-de-leão
e os coloca no meu
cabelo
enquanto eu cochilo sob a brisa marítima.
eu desperto
me sacudo
falo: "que diabo?"
e flores caem sobre os meus olhos e sobre o meu nariz

e sobre os meus lábios.
eu as removo com a mão
e ela se senta em cima de mim
dando risadinhas.

.

filha,
certo ou errado,
eu te amo, sim,
é só que às vezes eu ajo como se
você não estivesse presente,
mas houve brigas com mulheres
bilhetes deixados em cômodas
trabalhos em fábricas
pneus furados em Compton às 3 da manhã,
todas essas coisas que impedem as pessoas de
conhecer umas às outras e
pior do que
isso.

.

obrigado pelas
flores.

algumas pessoas nunca enlouquecem

algumas pessoas nunca enlouquecem.
eu, por exemplo, me deitarei atrás do sofá
por 3 ou 4 dias.
me encontrarão ali.
é Querubim, dirão, e
verterão vinho por minha garganta
esfregarão meu peito
hão de me ungir com óleos.

.
então, me erguerei com um rugido,
um brado, fúria –
amaldiçoarei a todos e ao universo
enquanto lançarei seus pedaços sobre o
gramado.
me sentirei muito melhor
sentado junto a ovos e torradas,
murmurando uma cançãozinha
de súbito me torno tão adorável e
rosado como
uma baleia empanturrada.

.
algumas pessoas nunca enlouquecem.

que vidas verdadeiramente horrendas
elas devem levar.

o pescador

ele sai todo dia às 7:30 da manhã
com 3 sanduíches de manteiga de amendoim, e
uma lata de cerveja
que ele faz flutuar no balde de iscas.
ele pesca por horas com uma pequena vara para trutas
a três quartos do caminho até o píer.
ele tem 75 anos e o sol não é capaz de bronzeá-lo,
e não importa quanto calor faça
a camisa de lenhador marrom e verde segue ali,
ele apanha estrelas-do-mar, cações, cavala;
apanha-os às dúzias,
não fala com ninguém.
às vezes durante o dia
ele toma sua lata de cerveja.
às 6 da tarde reúne suas coisas e sua pesca
caminha pelo píer
cruzando várias ruas
onde ele entra num pequeno apartamento em Santa Mo-
nica
vai até o quarto e abre o jornal vespertino
enquanto sua esposa joga as estrelas-do-mar, os cações
e as cavalas no lixo

.

ele acende seu cachimbo
e espera pelo jantar.

os homens do lixo

aí vêm eles

esses caras

o caminhão cinzento

o rádio ligado

.

eles têm pressa

é muito empolgante:

a camisa aberta

as panças pendendo

.

eles esvaziam as lixeiras

rolam as latas até a boca do caminhão

que as ergue para engolir o conteúdo

com barulho excessivo...

.

os homens têm que preencher formulários

para conseguir esses empregos

eles têm que pagar pelas casas e

dirigir carros de último modelo

.

eles se embebedam no sábado à noite

.

agora enquanto brilha o sol em Los Angeles

eles correm para lá e pra cá com suas latas de lixo

.

todo esse lixo vai para algum lugar

.

e eles gritam uns com os outros

depois disso todos voltam ao caminhão

rumo a oeste em direção ao mar

.

nenhum deles sabe

que estou vivo

.

CIA REX DE COLETAS

rosto de um candidato político num outdoor

lá está ele:

não muitas ressacas

não muitas brigas com mulheres

não muitos pneus furados

jamais um pensamento suicida

.

não mais que três dores de dente

nunca perdeu refeição

jamais na cadeia

jamais apaixonado

.

4 pares de sapatos

.

um filho na faculdade

.

um carro de um ano de idade

.

apólices de seguro

.

um gramado muito verde

.

latas de lixo com tampas apertadas

.
ele será eleito.

a orgulhosa e magra morte

eu vejo velhos aposentados nos
supermercados e eles são magros e são
orgulhosos e estão morrendo
estão morrendo de fome em pé sem dizer
nada. muito tempo atrás, entre outras mentiras,
lhes ensinaram que silêncio era
bravura. agora, tendo trabalhado a vida toda,
a inflação os encurralou. eles olham em volta
roubam uma uva
mastigam. por fim fazem compras
minúsculas, o que dá para o dia.
outra mentira que lhes ensinaram:
não roubarás.
preferem morrer de fome do que roubar
(uma uva não vai salvá-los)
e em quartos minúsculos
lendo anúncios dos mercados
morrem de fome
morrem sem som
retirados das pensões
por jovens loiros de longos cabelos
que os deslizam para dentro
e dão partida no motor, esses

jovens
de belos olhos
pensando em Vegas e buceta e
vitória.

é a ordem das coisas: cada um
prova um pouco do mel
e depois a faca.

um poema quase feito

eu vejo você bebendo numa fonte com suas
minúsculas mãos azuis, não, suas mãos não são minúsculas
elas são pequenas e a fonte é na França
de onde você me escreveu aquela última carta e
eu respondi e nunca mais obtive retorno.
você costumava escrever poemas insanos sobre
ANJOS E DEUS, tudo em caixa-alta, e você
conhecia artistas famosos e muitos deles
eram seus amantes, e eu escrevia de volta, está tudo
bem,
vá em frente, entre na vida deles, não sou ciumento
porque nós nem nos conhecemos. estivemos perto uma
vez em
New Orleans, uma meia quadra, mas nunca nos encontramos,
nunca um contato. assim você seguiu com os famosos,
escreveu
sobre os famosos, e, claro, descobriu que os famosos
estavam preocupados com a fama deles – não com a jovem e
bela garota em suas camas, que lhes dava **aquilo**, e que
acordava

de manhã para escrever em caixa-alta poemas sobre
ANJOS E DEUS. nós sabemos que Deus está morto, eles
nos disseram,
mas ao ouvi-la eu já não tinha certeza. talvez
fosse a caixa-alta. você era uma das melhores poetas e
eu disse para
os editores, "publiquem-na, publiquem-na, ela é louca
mas é
mágica. não há mentira em seu fogo". eu te amei
como um homem ama uma mulher que jamais tocou, pa-
ra
quem apenas escreveu, de quem manteve algumas foto-
grafias. eu poderia ter te
amado mais se eu tivesse sentado numa pequena sala
enrolando um
cigarro e ouvindo você mijar no banheiro,
mas isso não aconteceu. suas cartas ficaram mais tristes.
seus amantes te traíram. criança, escrevi de volta, todos
os
amantes traem. isso não ajudou. você disse
que tinha um banco em que ia chorar e que ficava numa
ponte
e a ponte ficava sobre um rio e você sentava no seu ban-
co de chorar
todas as noites e descia o pranto pelos amantes que
te machucaram e te esqueceram. escrevi de volta mas
não obtive

qualquer retorno. um amigo me escreveu contando do seu suicídio

3 ou 4 meses depois de consumado. se eu tivesse te conhecido

provavelmente teria sido injusto com você ou você comigo. foi mesmo melhor assim.

um poema de amor para todas as mulheres que eu conheci

todas as mulheres
todos os seus beijos as
diferentes formas como amam e
falam e precisam.

.

suas orelhas todas elas têm
orelhas e
gargantas e vestidos
e sapatos e
automóveis e ex-
maridos.

.

na maioria
as mulheres são muito
calorosas elas me lembram
torrada amanteigada com a manteiga
derretida
nela.

.

há uma expressão no
olhar: elas foram
dominadas elas foram

enganadas. não sei direito o que
fazer por
elas.

.

eu sou
um cozinheiro razoável um bom
ouvinte
mas nunca aprendi a
dançar – estava ocupado
então com coisas maiores.

.

mas desfrutei de suas diferentes
camas
fumando cigarros
olhando fixo para os
tetos. não fui nem perverso nem
injusto. apenas
um estudante.

.

sei que todas elas têm aqueles
pés e descalças elas atravessam o assoalho enquanto
observo suas nádegas acanhadas no
escuro. sei que elas gostam de mim, algumas até
me amam
mas eu amo bem
poucas.

.

algumas me dão laranjas e pílulas;
outras falam calmamente de
infância e pais e
paisagens; algumas são quase
loucas mas nenhuma delas é desprovida de
significado; algumas amam
bem, outras nem
tanto; as melhores no sexo nem sempre são as
melhores em outros
aspectos; cada uma tem limites como eu tenho
limites e aprendemos
um ao outro
depressa.

.
todas as mulheres todas as
mulheres todos os
quartos
os tapetes as
fotos as
cortinas, é
meio como uma igreja só que
às vezes há
risos.

.
aquelas orelhas aqueles
braços aqueles
cotovelos aqueles olhos

fitando o carinho e
a espera eu fui
abraçado eu fui
abraçado.

arte

conforme o
espírito
decai
a
forma
aparece.

o que eles querem

Vallejo escrevendo sobre
solidão enquanto morria de
fome;
a orelha de Van Gogh rejeitada por uma
puta;
Rimbaud correndo para a África
em busca de ouro e encontrando
um caso incurável de sífilis;
Beethoven ficou surdo;
Pound arrastado pelas ruas
numa gaiola;
Chatterton tomando veneno para rato;
o cérebro de Hemingway pingando dentro
do suco de laranja;
Pascal cortando os pulsos na banheira;
Artaud trancado com os loucos;
Dostoiévski de pé contra um muro;
Crane pulando na hélice de um barco;
Lorca baleado na estrada pelo exército
espanhol;
Berryman pulando de uma ponte;
Burroughs atirando na mulher;
Mailer esfaqueando a sua;

- é isso o que eles querem:
o danado dum show
uma placa luminosa
no meio do inferno.
é isso o que eles querem,
aquele bando de
estúpidos
inarticulados
tranquilos
seguros
admiradores de
carnavais.

um poema para o engraxate

o equilíbrio é preservado pelas lesmas que escalam os
rochedos de Santa Mônica;
a sorte está em descer a Western Avenue
enquanto as garotas numa casa de
massagem gritam para você, "Alô, Doçura!"
o milagre é ter cinco mulheres apaixonadas
por você aos 55 anos,
e o melhor de tudo isso é que você só é capaz
de amar uma delas.
a bênção é ter uma filha mais delicada
do que você, cuja risada é mais leve
que a sua.
a paz vem de dirigir um
Fusca 67 azul pelas ruas como um
adolescente, o rádio sintonizado em O Seu Apresentador
Preferido, sentindo o sol, sentindo o sólido roncar
do motor retificado
enquanto você costura o tráfego.
a graça está na capacidade de gostar de rock,
música clássica, jazz...
tudo o que contenha a energia original do
gozo.
e a probabilidade que retorna

é a tristeza profunda
debaixo de você estendida sobre você
entre as paredes de guilhotina
furioso com o som do telefone
ou com os passos de alguém que passa;
mas a outra probabilidade –
a cadência animada que sempre se segue –
faz com que os caras sentados nos bancos
ao lado dos quiosques de tacos
pareçam gurus
faz com que a garota do caixa no
supermercado se pareça com a
Marilyn
com a Zsa Zsa
com a Jackie antes que levassem seu amante de Harvard
com a garota do ensino médio que sempre
seguíamos até em casa.

.

lá está a criatura que nos ajuda a acreditar
em alguma coisa além da morte:
alguém num carro que se aproxima
numa rua muito estreita,
e ele ou ela se afasta para que possamos
passar, ou se trate do velho lutador Beau Jack*
engraxando sapatos
após ter queimado todo o seu dinheiro
em festas

mulheres
parasitas,
bufando, respirando junto ao couro,
dando um trato com a flanela
os olhos erguidos para dizer:
"mas que diabos, por um momento
tive tudo. isso compensa todo o
resto."

.
às vezes sou amargo
mas no geral o sabor tem sido
doce. é apenas que tenho
medo de dizê-lo. é como
quando sua mulher diz,
"fala que me ama", e
você não consegue.

.
se você me vir sorridente
em meu Fusca azul
aproveitando o sinal amarelo
dirigindo firme em direção ao sol
estarei mergulhado nos
braços de uma
vida insana
pensando em trapezistas de circo
em anões com enormes charutos
num inverno na Rússia no início dos anos 40

em Chopin com seu saco de terra polaca
numa velha garçonete que me traz uma xícara
extra de café com um sorriso
nos lábios.
o melhor de você
me agrada mais do que pode imaginar.
os outros não importam
exceto pelo fato de que eles têm dedos e cabeças
e alguns deles olhos
e a maioria deles pernas
e todos eles
sonhos e pesadelos
e uma estrada a seguir.
.
a justiça está em toda parte e não descansa
e as metralhadoras e os coldres e
as cercas vão lhe dar prova
disso.

* Peso leve americano. Duas vezes campeão mundial. (N.T.)

o humilde herdou

se eu sofro assim diante dessa
máquina de escrever
pense em como eu me sentiria
entre os colhedores
de alface em Salinas?

.

penso nos homens
que conheci nas
fábricas
sem qualquer chance de
escapar –
sufocados enquanto vivem
sufocados enquanto riem
de Bob Hope ou Lucille
Ball enquanto
2 ou 3 crianças jogam
bolas de tênis contra
as paredes.

.

alguns suicídios jamais são
registrados.

quem, diabos, é Tom Jones?

por duas semanas
estive dormindo com uma
garota de 24 anos de
Nova York – na época
em que ocorria a greve dos
lixeiros, e certa noite
minha antiga mulher de 34 anos
chegou e disse, “quero ver
minha rival”. foi o que ela fez
e então disse, “ó, você
é a coisinha mais querida!”
depois disso reparei que houve uma
gritaria de gatas selvagens –
urros e unhadas,
lamentos de animal ferido,
sangue e mijo...

.
eu estava bêbado e só de
calção. tentei
separar as duas e caí,
torcendo o joelho. então
atravessaram a porta e
avançaram rua

afora.

.

chegaram viaturas cheias
de policiais. um helicóptero da
polícia sobrevoou o local.

.

fiquei no banheiro
e sorri para o espelho.
não é comum que coisas
tão esplêndidas assim
aconteçam aos 55 anos.
muito melhor do que os
distúrbios em Watts.

.

a de 34 retornou
para dentro. estava toda
mijada e sua roupa
transformada em farrapos e era
seguida por dois policiais que
queriam saber a razão daquilo tudo.

.

erguendo meus calções
eu tentava explicar.

e um cavalo de olhos azul-esverdeados caminha no sol

o que se vê é o que se vê:
hospícios raramente
são exibidos.

.

que ainda andemos por aí
e nos cocemos e acendamos
cigarros

.

é mais milagroso
do que os banhos das beldades
do que as rosas e a mariposa.

.

sentar num quartinho
e beber uma lata de cerveja
e enrolar um cigarro
ouvindo Brahms
num pequeno rádio vermelho

.

é ter voltado
de uma dúzia de guerras
com vida

.

ouvindo o som
da geladeira

.

enquanto enforcam o papa
e as beldades banhadas apodrecem

.

e as laranjas e maçãs
se vão rolando.

quitação

16 anos de idade
durante a depressão
cheguei em casa bêbado
e todas as minhas roupas –
calções, camisas, meias –
pastas, e páginas de
contos
tinham sido jogadas fora
sobre o gramado da frente e na
rua.

.
minha mãe estava me
esperando atrás de uma árvore:

.
“Henry, Henry, não
entre... ele vai
matar você, leu
suas histórias...”

.
“posso chutar a
bunda dele...”

“Henry, pegue isso
por favor... e

procure um quarto para você."

.

mas o que o preocupava era
que eu talvez não
terminasse o colegial
então eu voltaria
outra vez.

.

uma noite ele entrou
com as páginas de
um dos meus contos
(que eu nunca submeti a ele)
e disse, "este é
um grande conto".
eu disse, "ok"
e ele me alcançou
e eu li.
era uma história sobre
um homem rico
que teve uma briga com
sua esposa e se
foi pela noite
atrás de uma xícara de café
e ficou observando
a garçonete e as colheres
e garfos e o
sal e o pimenteiro

e o letreiro de néon
na janela
foi então que voltou
para seu estábulo
para ver e tocar seu
cavalo favorito
que
deu-lhe um coice na cabeça
e o matou.

.
de alguma maneira
a história em suas mãos
tinha um significado para ele
apesar
de que quando a escrevi
não tinha nenhuma ideia
a respeito do que
tratava.

.
então eu lhe disse,
"ok, velho, você pode
ficar com ela".

.
e ele a pegou
e caiu fora
e fechou a porta.
acho que foi

o mais próximo
que jamais estivemos.

o fim de um breve caso

tentei fazer o negócio de pé
dessa vez.

normalmente não costuma
funcionar.

dessa vez parecia
que...

.

ela seguia dizendo
"ó, meu Deus, você tem
pernas lindas!"

.

tudo estava bem
até que ela tirou os
pés do chão
e enroscou suas pernas
em volta dos meus quadris.

.

"ó, meu Deus, você tem
pernas lindas!"

.

ela pesava cerca de 63
quilos e ficou ali presa enquanto eu
trabalhava.

.
foi só quando cheguei ao clímax
que senti a dor
correr espinha
acima.

.
deitei-a no sofá
e caminhei ao redor
da sala.
a dor continuava.

.
"olha só", eu lhe disse,
"é melhor você ir. tenho
que revelar uns filmes
na minha câmara escura."

.
ela se vestiu e se foi
e eu segui até a
cozinha para um copo
d'água. peguei um copo cheio
com a mão esquerda.
a dor correu por trás de minhas
orelhas e
deixei cair o copo
que se espatifou no chão.

.
entrei numa banheira cheia de

água quente e sais Epsom.
recém tinha acabado de me esticar
quando o telefone tocou.
ao tentar endireitar
minhas costas
a dor se estendeu por
pescoço e braços.
caí pesadamente
me agarrei às bordas da banheira
consegui sair
com raios verdes e amarelos
e luzes vermelhas
lampejando em minha cabeça.

.

o telefone continuava tocando.
atendi.

"alô?"

.

"EU TE AMO!", ela disse.

.

"obrigado", eu disse.

.

"é tudo o que você tem
pra me dizer?"

.

"sim."

.

"vá à merda!" ela disse e
desligou.

.

o amor se esgota, pensei
ao caminhar de volta ao
banheiro, mais rápido
do que um jato de esperma.

cometi um erro

me estiquei até a última prateleira do armário
e puxei de lá uma calcinha azul
e mostrei a ela e
perguntei "é sua?"

.

e ela olhou e disse,
"não, deve ser da cadela".

.

depois disso ela se foi e não a vi
desde então. não está na sua casa.
continuo passando por lá, enfiando bilhetes
debaixo da porta. volto ali e os bilhetes
continuam intocados. arranco a cruz de Malta
do retrovisor do meu carro e a amarro
com um cadarço à sua maçaneta, deixo
um livro de poemas.
ao retornar na noite seguinte tudo
continua ali.

.

continuo rondando as ruas em busca
daquele encouraçado cor de vinho que ela dirige
com uma bateria fraca, e as portas
pendendo das dobradiças estropiadas.

.

circulo pelas ruas
a um passo de chorar,
envergonhado de meu sentimentalismo e
possível amor.

.

um homem velho e confuso dirigindo na chuva
perguntando-se onde a boa sorte foi
parar.

\$\$\$\$\$\$

sempre tive problemas com
dinheiro.

num dos lugares em que trabalhei
todos comiam cachorro-quente
e batatas fritas

na cantina da empresa

3 dias antes de cada
pagamento.

eu queria uns bifés,
cheguei inclusive a procurar o gerente
da cantina e
exigir que ele servisse
uns bifés. ele se recusou.

.

eu esqueci do dia do pagamento.

eu tinha um alto grau de indiferença e
o dia do pagamento chegava e todos
não falavam em outra
coisa.

“pagamento?” eu dizia, “diabo, hoje é dia de
receber? me esqueci de pegar meu
último cheque...”

.

“pare de falar merda, cara...”

.

“não, não, é sério...”

eu me erguia e ia até o caixa

e claro que o cheque estava lá

e na volta eu o mostrava

a todos eles. “Jesus Cristo, esqueci completamente do negócio...”

.

por alguma razão isso os deixava

furiosos. então o funcionário do caixa

aparecia. eu tinha dois

cheques. “Jesus”, eu dizia, “dois cheques”.

e eles ficavam

furiosos.

alguns deles mantinham

dois empregos.

.

no pior dos dias

chovia pesadamente

eu não tinha uma capa de chuva então

vesti um velho casaco que eu não usava havia

meses e

cheguei um pouco atrasado

quando eles já estavam no batente.

procurei por cigarros nos bolsos

e num deles encontrei uma nota de

5 dólares:

"ei, vejam", eu disse, "acabo de encontrar 5 pratas que eu não sabia que tinha, que beleza".

.

"ei, cara, não venha com essa merda!"

.

"não, não, estou falando **sério**, de verdade, lembro de ter vestido este casaco quando estava bêbado e vagando de bar em bar. já me tomaram dinheiro muitas vezes, fiquei desconfiado... tiro o dinheiro da minha carteira e o escondo em outras partes."

.

"sente de uma vez e comece a trabalhar."

.

meti a mão num bolso interno:

"ei, vejam, tem um VINTÃO aqui! Deus, não sabia que tinha este VINTÃO!

estou

RICO!"

.

"ninguém está achando graça, seu filho da puta..."

.

"ei, meu Deus, aqui tem mais OUTRA de vinte! é muita, muita muita grana... eu **sabia** que não tinha gasto todo o dinheiro naquela noite. pensei que tinham me levado os cobres outra vez..."

.

continuei vasculhando o casaco. "ei, aqui tem uma de dez e aqui mais um cinquinho! meu Deus..."

.

"escute, já disse pra você sentar e calar a boca..."

.

"meu Deus, estou RICO... não preciso nem mais deste emprego..."

.

"cara, senta **aí**..."

.

achei mais outra de dez depois que me sentei mas não disse nada.

podia sentir as ondas de ódio e estava confuso, eles achavam que eu tinha armado toda aquela história apenas para fazê-los se

sentirem mal. não era o que eu
queria. pessoas que têm que passar a cachorros-quentes
e
batatas fritas por
3 dias antes de sair o pagamento
já se sentem mal o
suficiente.

.

sentei-me
inclinei-me para a frente e
comecei a
trabalhar.

.

do lado de fora
continuava
chovendo.

metamorfose

uma namorada entrou
construiu pra mim uma cama
esfregou e encerou o chão da cozinha
esfregou as paredes
passou aspirador
limpou a privada
a banheira
esfregou o chão do banheiro
e cortou minhas unhas dos pés e
meu cabelo.

.

então
tudo no mesmo dia
o encanador veio e consertou a torneira da cozinha
e o banheiro
e o cara do gás consertou o aquecedor
e o cara do telefone consertou o telefone.
agora estou sentado aqui em toda essa perfeição.
está quieto.
terminei com todas as minhas 3 namoradas.

.

eu me sentia melhor quando estava tudo
bagunçado.

vou demorar alguns meses pra voltar ao
normal:

não consigo sequer achar uma barata para conversar.

.

perdi meu ritmo.

não consigo dormir.

não consigo comer.

.

roubaram

minha imundície.

precisamos nos comunicar

“ele era um homem muito sensível”, ela me disse, “e depois

de terminar com Andrea deixava a calcinha dela embaixo do

travesseiro e toda noite a beijava e chorava.

olha você! olha essa expressão na sua cara!

você não gosta do que acabei de dizer e quer saber por quê?

é porque você tem **medo**; é preciso ser homem pra admitir sentimentos.

eu noto você olhando mulheres entrando e saindo de carros, torcendo que as saias subam pra poder ver as pernas.

você parece um garotinho, um tarado!

e **pior** que isso, você só gosta de **pensar** sobre sexo, na verdade não quer **fazer**, é só

trabalho pra você, você prefere olhar e imaginar.

você nem gosta de chupar meus seios!

e não gosta de ver mulher fazendo coisas no banheiro!

tem algo de **errado** nas funções corporais?

você não tem funções corporais?

Jesus, Cristo, minhas irmãs me avisaram

me contaram como você era!

eu não acreditei, que diabo, você **parecia** um homem!

todos os seus livros, milhares de poemas, e você sabe o quê?

você tem medo de olhar a buceta de uma mulher! só sabe **beber**!

você acha que é preciso ter alguma fibra pra beber?

olha aqui, te dei 5 anos da minha vida e você faz o quê?: você sequer **discute** as coisas comigo!

você sabe ser cativante quando damos uma festa, isto é, **se** estiver no clima

você consegue falar suas merdas

mas olha você agora, nem um pio, você só fica aí nessa cadeira e enche o copo sem parar!

bem, pra mim chega, vou arranjar pra mim alguém

real, alguém que possa discutir as coisas comigo, alguém que possa dizer, 'bem, Paula, ouça, eu entendo que estamos tendo alguns problemas e talvez conversando a respeito possamos nos entender melhor e fazer as coisas funcionarem'.

não **você!** **olha** você! por que você não diz algo?

claro: VIRA O COPO! é só o que sabe fazer!

me diga, o que há de errado com a buceta de uma mulher?

minha mãe largou meu pai porque ele era como você,

só sabia beber e apostar nos cavalos!
bem, ele quase enlouqueceu quando ela o largou.
ele implorou e implorou e implorou que ela
voltasse, até fingiu que estava morrendo de câncer só
pra conseguir que ela o visitasse.
não conseguiu enganá-la – ela tratou de arranjar um ho-
mem
decente, está com ele agora, você o conheceu: Lance.
mas não,
você não **gosta** do Lance, certo?
ele usa gravata e vende imóveis...
bem, ele também não gosta de você. mas mamãe o ado-
ra.
e o que **você** sabe sobre o amor?
é um palavrão pra você! **amar**. você nem mesmo 'gosta'!
você não gosta do seu país, não gosta de filmes, não
gosta de dançar, não gosta de dirigir em autoestradas,
não gosta de crianças, não **olha** pras pessoas,
só o que você faz é sentar numa cadeira e beber e bolar
esquemas
pra ganhar nos cavalos e se existe uma coisa mais chata
e
mais idiota do que cavalos, eu gostaria de saber, você
me
diga!
você só sabe acordar passando mal todo dia de manhã,
só consegue sair da cama depois do meio-dia; você bebe

uísque,
você bebe scotch, você bebe cerveja, você bebe vinho,
você
bebe vodca, você bebe gim, e qual é o sentido?
sua saúde só piora, seu polegar esquerdo está
morto, seu fígado está ferrado, você tem pressão alta,
hemorroidas, úlceras e sabe Deus o que mais,
e quando eu tento conversar com você, você não aguen-
ta
e foge pra sua casa e tira o telefone do
gancho e põe pra tocar os seus discos sinfônicos e bebe
até dormir, e aí acorda mal meio-dia
e liga e diz que está morrendo e que sente
muito e quer me ver, e aí eu chego
e você está tão **arrepentido** que nem parece humano –
ah, você saber ser **cativante** quando está mal e com pro-
blemas,
sabe ser engraçado, sabe me fazer rir, me conquista de
volta
mil vezes...
mas olha você **agora**! tudo que você quer é mais um co-
po e depois
mais um copo e você não fala comigo, só fica
acendendo cigarros e olhando em volta no quarto...
você não **quer** fazer um esforço pra melhorar o nosso re-
lacionamento?
me diga, por que você tem medo da buceta de uma mu-

lher?"

o segredo da minha resistência

ainda recebo cartas pelo correio, quase sempre de homens

despedaçados em quartos minúsculos trabalhando em fábricas ou sem trabalho e

morando com putas ou sem mulher alguma, só bebida e loucura.

quase todas são escritas em papel pautado com lápis mal apontado

ou em tinta

numa caligrafia inclinada à esquerda

e o papel costuma ser rasgado

geralmente pela metade

e eles dizem que gostam do meu trabalho,

que eu escrevi direto da fonte, e

reconhecem isso. de fato, eu lhes dei uma segunda chance, certo reconhecimento de onde estão.

.

é verdade, eu estive lá, pior do que a maioria deles.

mas será que se dão conta de onde suas cartas chegam?

bem, são depositadas numa caixa

por trás de uma cerca viva de um metro e oitenta com
longa entrada
para uma garagem de dois carros, jardim de rosas, árvores
frutíferas,
animais, uma linda mulher, metade da hipoteca praticamente
paga depois de um ano, um carro novo,
lareira e um tapete verde com cinco centímetros de altura
com um garoto que escreve as minhas coisas agora
que eu mantenho numa gaiola de três metros com uma
máquina de escrever, alimento com uísque e putas cru-
as,
dou boas surras de cinto nele três ou quatro vezes
por semana.
estou com 59 anos agora e os críticos dizem
que o meu trabalho está cada vez melhor.

Carson McCullers

ela morreu de alcoolismo
embrulhada no cobertor
de uma espreguiçadeira
num navio
transoceânico

.
todos os seus livros de
solidão aterrorizada
todos os seus livros sobre
a crueldade
do amante sem amor

.
foram tudo o que restou
dela

.
enquanto um turista passava
descobria seu corpo

.
avisava o capitão

.
e ela era despachada
para outro lugar
do navio

.

enquanto tudo o mais
continuava
do jeito
que ela escrevera.

faíscas

a fábrica perto da Santa Fe Ave. foi a melhor.

colocávamos luminárias pesadas em caixas compridas

então as montávamos em pilhas de seis.

então os carregadores chegavam

limpavam a mesa e

você montava as seis seguintes.

.

dez horas por dia

quatro no sábado

o pagamento era sindical

bem razoável para trabalho não qualificado

e se você não chegava

com músculos

logo você os ganhava

.

na maioria usávamos

camisetas brancas e jeans

cigarros pendentes

bebendo cerveja escondido

chefes fazendo
que não viam

.

não muitos brancos
os brancos não duravam:
péssimos trabalhadores
principalmente mexicanos e
negros
frios e maus

.

vez por outra
brilhava uma lâmina
ou alguém
apanhava

.

chefes fazendo
que não viam

.

os poucos brancos que duravam
eram loucos

.

o trabalho andava
e as garotas mexicanas
nos mantinham
alegres e esperançosos
seus olhos lançando
pequenas mensagens

da
linha de montagem.

.

eu fui um dos
brancos loucos
que duraram
fui um bom trabalhador
só pelo ritmo da coisa
só pelo diabo da coisa

.

e depois de dez horas
de trabalho pesado
depois de trocar insultos
e sobreviver às escaramuças
com quem não tinha frieza suficiente para
aguentar
nós saíamos
ainda bem-dispostos

.

entrávamos em nossos velhos
automóveis para
ir para nossas casas
beber metade da noite
brigar com nossas mulheres

.

para voltar na manhã seguinte
bater ponto

sabendo que éramos
otários
deixando os ricos
mais ricos

.
gingávamos
em nossas camisetas brancas e
jeans
passando pelas
garotas mexicanas

.
nós éramos maus e perfeitos
pra ser o que éramos

.
de ressaca
conseguíamos
tranquilamente
fazer o trabalho

.
mas
aquilo não nos tocava
jamais

.
aquelas paredes de latão

.
o som das furadeiras e
lâminas de corte

.

as faíscas

.

formávamos um belo bando
naquele balé da morte

.

nós éramos magníficos

.

dávamos a eles
mais do que nos pediam

.

mas

.

não demos a eles
nada.

a história de um filho da mãe durão

ele apareceu na porta certa noite molhado ossudo espancado e aterrorizado.

um gato branco vesgo sem rabo

acolhi o gato e o alimentei e ele permaneceu

pegou confiança até que um amigo chegou de carro na frente de casa

e o atropelou

levei o que restou para um veterinário que disse, "sem muita

chance... dê pra ele estas pílulas e espere... a espinha dorsal

foi esmagada, já foi esmagada uma vez antes mas de algum modo

soldou, se sobreviver nunca mais vai andar, olhe só

estes raios X, ele já levou tiro, olhe aqui, os chumbos

ainda estão nele... além disso, um dia ele teve rabo, alguém

cortou fora..."

.

eu trouxe o gato para casa, era um verão quente, um dos verões mais quentes em décadas, coloquei-o no chão do banheiro, dei-lhe água e pílulas, ele não queria comer, ele

não queria nem saber de beber, mergulhei meu dedo na água

e umedeci sua boca e conversei com ele, não saí do lado dele, passei um tempão na banheira e conversava com ele e o tocava com brandura e ele só me devolvia o olhar com aqueles olhos vinhos azul-claros conforme passavam os

dias ele fez seu primeiro movimento

arrastando-se à frente com as pernas dianteiras

(as de trás não se mexiam)

conseguiu chegar à caixa de areia

subiu e entrou rastejando,

foi como as trombetas da chance, da possível vitória,

soando no banheiro e ecoando pela cidade, eu

me identifiquei com o gato – passei por maus bocados, não bocados

desse tipo, mas maus o bastante...

.

certa manhã ele se levantou, ficou de pé, caiu deitado e só ficou olhando pra mim.

.

“você consegue, cara”, eu disse pra ele, “você é dos bons...”

.

ele continuou tentando, levantando e caindo, por fim chegou a dar alguns passos, era como um bêbado trancando as pernas, as

traseiras simplesmente se recusavam a obedecer e ele
caiu de novo, descansou,
então levantou...

.

você sabe o resto: agora ele está melhor do que nunca,
vesgo,
quase desdentado, a graça voltou por completo, e aquela
expressão
nos olhos esteve sempre ali...

.

e agora às vezes sou entrevistado, querem que eu fale
sobre
vida e literatura e eu fico bêbado e seguro no alto meu
gato
vesgo baleado atropelado desrabado diante deles e digo,
"vejam, vejam *isto!*"

.

mas eles não entendem, dizem algo tipo, "você
afirma ter sido influenciado por Céline..."

.

"não", eu seguro o gato no alto diante deles, "por aquilo
que acontece, por
coisas como isto, por isto, por *isto!*..."

.

eu sacudo o gato, com as mãos por baixo das pernas di-
anteiras na
luz esfumaçada e bêbada; ele está relaxado, sabe das

coisas...

.

é meio por essa altura que quase todas as entrevistas terminam.

se bem que fico muito orgulhoso às vezes quando vejo as entrevistas

depois e lá estou eu e lá está o gato e aparecemos fotografados juntos...

.

ele também sabe que é papo furado mas ajuda a pagar pela ração, certo?

sem dúvida

há coisas piores do que
ficar sozinho
mas perceber isso
costuma levar décadas
e quase sempre
quando você percebe
é tarde demais
e não há nada pior
do que
tarde demais.

aposentadoria

costeletas de porco, dizia o meu pai, eu adoro
costeletas de porco!

.

e eu o via enfiar a gordura
na boca.

.

panquecas, ele dizia, panquecas com
calda, manteiga e bacon!

.

eu via seus lábios encharcados com

tudo aquilo.

.

café, ele dizia, eu gosto de café bem quente,
queimando a garganta!

.

às vezes estava tão quente que ele cuspiu o café
na mesa toda.

.

purê de batatas com molho, ele dizia, eu
adoro purê de batatas com molho!

.

ele abocanhava aquilo, suas bochechas inchadas
como se tivesse caxumba.

.

feijão com chili, ele dizia, eu adoro feijão com
chili!

.

e engolia tudo e peidava por horas
bem alto, sorrindo após cada peido.

.

bolinho de morango, ele dizia, com sorvete
de baunilha, é assim que se termina uma refeição!

.

ele sempre falava sobre aposentadoria, sobre
o que faria quando se
aposentasse.

quando não estava falando sobre comida ele falava

sem parar sobre
aposentadoria.

.

ele não chegou à aposentadoria, ele morreu certo dia
de pé junto à pia
enchendo um copo de água.
esticou o corpo como se tivesse levado
um tiro.

o copo caiu de sua mão
e ele tombou para trás
pousando na horizontal
sua gravata escorregando pela
esquerda.

.

depois
as pessoas disseram que não conseguiam
acreditar.
ele parecia
ótimo.
distintas suíças
brancas, maço de cigarro no
bolso da camisa, sempre soltando
piadas, talvez um pouco
espalhafatoso e talvez com certo mau
humor
mas no geral
um indivíduo aparentemente

sadio

.

jamais perdendo um dia
de trabalho.

sorte

certa vez
fomos jovens
nesta
máquina...
bebendo
fumando
escrevendo

.
foi o tempo
mais
esplêndido e
miraculoso

.
ainda
é

.
só que agora
em vez de
nos movermos em direção ao
tempo
ele
se move em direção a
nós

.
faz com que cada palavra
perfure
a superfície do
papel

.
clara

.
rápida

.
dura

.
preenchendo um
espaço que se
fecha.

se você quer justiça, pegue a faca

sem dúvida estamos sozinhos
para sempre sozinhos
e fomos
feitos pra isso,
não era pra ser
de nenhum outro jeito –
não quero ninguém abanando uma folhagem
na minha bunda
em noites quentes de verão –
prefiro passar
calor,
e quando a hora da morte
chegar
a última coisa que eu quero ver
é
um círculo de rostos humanos
à minha volta –
prefiro minhas velhas amigas,
as paredes,
se estiverem lá.
.
vivi sozinho, mas raras vezes
solitário.

bebi do poço de
mim mesmo
e o gosto era bom,
o melhor que já senti,
e nesta noite
sentado
contemplando a escuridão,
eu conheço a escuridão e a
luz e o que há
entre as duas.

.
e apesar de ver
semelhança entre a maioria dos
estercos e a maioria das
pessoas
fiquei quase contente
com
as oferendas.

.
a sorte da bondade
chega
quando aceitamos o
indesejado:
nascer neste
apuro –
a aposta desperdiçada de nossa
alegria,

o prazer de
partir –

.

não chore por mim
mas pelas lágrimas

.

não sofra por mim
mas pelo sofrimento

.

leia
o que escrevi
depois
esqueça:

.

a memória é uma
armadilha: olhe as paredes
e comece
de novo.

encurralado

bem, disseram que acabaria
assim: velho. talento esgotado. sem encontrar a
palavra

.

ouvindo os passos
escuros, eu me viro
olho para trás...

.

ainda não, cão velho...
muito em breve.

.

agora
eles se reúnem falando de
mim: "sim, aconteceu, ele
já era... é
triste..."

.

"ele nunca foi grande coisa,
foi?"

.

"bem, não, mas agora..."

.

agora

eles estão comemorando a minha queda
em tabernas que já não
frequento.

.

agora
eu bebo sozinho
nesta máquina
defeituosa

.

enquanto as sombras assumem
formas
eu luto na lenta
retirada

.

agora
minha promessa de outrora
definindo
definindo

.

agora
acendendo novos cigarros
servindo mais
bebidas

.

foi uma belíssima
luta

.

ainda
é.

como está o seu coração?

durante os meus piores momentos
nos bancos de praça
nas cadeias
ou morando com
putas
sempre senti certo
contentamento –
eu não chamaria de
felicidade –
era mais um equilíbrio
íntimo
que se acomodava com
qualquer coisa que estivesse ocorrendo
e isso ajudou nas
fábricas
e quando relacionamentos
davam errado
com as
garotas.
.
ajudou
ao longo das
guerras e das

ressacas
das lutas nos becos
dos hospitais.

.

despertar num quarto barato
numa cidade estranha e
levantar a cortina –
esse era o tipo mais louco de
contentamento
e atravessar o piso
até uma velha cômoda com um
espelho rachado –
ver meu reflexo, feio,
sorrindo perante tudo.

.

o mais importante é
você saber
caminhar através do
fogo.

o incêndio do sonho

a velha Biblioteca Pública de L.A. pegou
fogo
aquela biblioteca do centro
e com ela se foi
uma grande parte da minha
juventude.

.
estava sentado num daqueles bancos de
pedra com meu amigo
Carequinha quando ele
perguntou:
“você vai se alistar na
brigada
Abraham Lincoln?”

.
“claro”, eu lhe
disse.

.
mas percebendo que eu não era nem
um intelectual nem um político
idealista
recuei na questão
mais tarde.

.

eu era um *leitor*

então

indo de seção em

seção: literatura, filosofia,

religião, até medicina

e geologia.

.

desde cedo

decidira ser um escritor

pensei que esse seria o caminho mais fácil

para

escapar

e os grandes figurões do romance não me

pareciam

páreo muito

duro.

eu tinha maiores dificuldades com

Hegel e Kant.

.

o que me incomodava

em

todos eles

é que levavam um tempo enorme

para finalmente dizer

alguma coisa vivaz e/

ou

interessante.

pensava então ter algo a dizer
mais do que todos
eles.

.

eu estava para descobri duas
coisas:

a) a maioria dos editores pensava que tudo que
fosse chato tinha algo a ver com assuntos
profundos.

b) que levaria décadas de
vida e escrita
até que eu fosse capaz de
colocar no papel
uma frase que fosse
ao menos próxima
daquilo que eu realmente queria
dizer.

.

enquanto isso
enquanto outros jovens corriam atrás de
mulheres
eu corria atrás dos velhos
livros.

eu era um bibliófilo, quem sabe um
sujeito
desencantado

e isso
e o mundo
me moldaram.

.

a velha biblioteca do centro **era**
o lugar para eu estar,
porém –
pelo menos de dia:
de ressaca e
malnutrido

.

eu vivia numa cabana de madeira
atrás de uma pensão
a \$3,50 por
semana
sentindo-me como um
Chatterton
enfiado dentro de algo do
Thomas Wolfe.

.

meus maiores problemas eram
selos, envelopes, papéis
e
vinho,
com o mundo à beira
da Segunda Guerra Mundial.
eu ainda não tinha sido

desconcertado pelas
mulheres, eu era virgem
e escrevia de 3 a
5 contos por semana
e todos eram
rejeitados

por *The New Yorker, Harper's,*
The Atlantic Monthly.

eu tinha lido em algum lugar que
Ford Madox Ford costumava usar
como papel higiênico os pareceres
dos trabalhos rejeitados
mas eu não tinha
um banheiro de modo que os enfiava
numa gaveta
e quando não havia mais espaço nenhum
e eu mal conseguia
abri-la
eu retirava todos os pareceres
e os jogava fora
junto com os
contos.

.

enquanto isso
a velha Biblioteca Pública de L.A. seguia sendo
minha casa
e a casa de muitos outros

vagabundos.
discretamente usávamos os
banheiros e limpávamos
os buracos dos nossos barris
cuidadosamente
e os únicos entre nós que deviam
ser
evitados eram aqueles que
pegavam no sono nas mesas da
biblioteca –
ninguém ronca como um
vagabundo
exceto alguém que é casado
com você.

.
bem, eu não era **propriamente** um
vagabundo. **eu** tinha um cartão da biblioteca
e eu ia e voltava com os livros
uma
enorme
quantidade deles
sempre levando o máximo
limite
permitido:
Aldous Huxley, D.H. Lawrence,
e.e. cummings, Conrad Aiken, Fiódor
Dos, Dos Passos, Turguêniev, Górkí,

H.D., Freddie Nietzsche, Art
Schopenhauer, Robert
Green,
Ingersoll, Steinbeck,
Hemingway,
e assim por
diante...

.
sempre esperava que a bibliotecária
disse: "você tem um gosto e tanto, meu
jovem..."

mas a puta velha e acabada
não sabia nem quem ela
era
o que dirá de
mim.

.
mas aquelas estantes eram
tremendamente encantadoras: permitiam-me
descobrir
os primeiros poetas chineses
como Du Fu e Li
Bai
que podiam dizer mais em uma
linha do que a maioria em
trinta ou
cem.

Sherwood Anderson deve
tê-los
lido
também.

.
eu também levava os ***Cantos***
pra lá e pra cá
e Ezra me ajudou
a fortalecer meus braços, se não
meu cérebro.

.
aquele lugar fantástico
a Biblioteca Pública de L.A.
era um lar para uma pessoa que tinha tido
um lar dos
infernos

.
CÓRREGOS AMPLOS DE MAIS PARA SALTAR
LONGE DESSE INSENSATO MUNDO
CONTRAPONTO
O CORAÇÃO É UM CAÇADOR SOLITÁRIO

.
James Thurber
John Fante
Rabelais
Maupassant
.

alguns não funcionavam para
mim: Shakespeare, G.B. Shaw,
Tolstói, Robert Frost, F. Scott
Fitzgerald

.

Upton Sinclair funcionava melhor para
mim
que Sinclair Lewis
e eu considerava Gogol e
Dreiser completos
idiotas.

.

mas tais juízos são produto
mais da maneira
como um homem é forçado a viver do que de
sua
razão.

.

a velha Biblioteca Pública de L.A.
é bem provável que tenha evitado que eu me
tornasse um
suicida
um ladrão
de bancos
um
espancador
de mulheres

um carnicheiro ou um
policia! motorizado
e ainda que algumas dessas possibilidades
nã! sejam mãs
foi
graças
à minha sorte
e meu destino
que aquela biblioteca estava
lá quando eu era
jovem e procurava me
agarrar a
alguma coisa
quando parecia nã! haver quase
nada ao meu
redor.

.
e quando eu abri o
jornal
e soube do incêndio
que havia
destruído a
biblioteca e boa parte de
seu interior

.
eu disse à minha
mulher: “eu costumava passar

meu tempo

lá..."

.

O OFICIAL PRUSSIANO

O JOVEM AUDAZ NO TRAPÉZIO VOADOR

TER E NÃO TER

.

VOCÊ NÃO PODE RETORNAR PARA CASA.

o inferno é um lugar solitário

ele tinha 65, sua esposa 66, e ela sofria de Alzheimer.

.

ele tinha câncer de boca.

houve

operações

radioterapia

que afetaram os ossos de seu maxilar

que tiveram de ser atados por fios.

.

diariamente ele colocava

fraldas geriátricas na esposa

como num

bebê.

.

incapaz de dirigir em seu

estado de saúde

ele tinha de pegar um táxi

até o centro

médico,

tinha dificuldade em falar,
tinha de
anotar o
endereço.

.

em sua última visita
eles o informaram de que
haveria uma nova
operação: um pouco mais da
face
esquerda e um pouco mais da
língua.

.

ao retornar
trocou as fraldas da
mulher
colocou comida pronta
no forno, viu as
notícias da noite
então seguiu até o
quarto, pegou o
revólver, encostou contra a têmpora
dela, disparou.

.

ela caiu para a
esquerda, ele se sentou no
sofá

pôs o cano dentro da
boca, puxou o
gatilho.
os disparos não alertaram
a vizinhança.

.
mais tarde
o cheiro de queimado da comida
sim.

.
alguém chegou, escancarou
a porta, viu
tudo.

.
logo
a polícia chegou e
começou a seguir o
procedimento, encontrou
alguns itens:

.
uma conta de poupança
encerrada e
um extrato com o
saldo de
\$1,14

.
suicídio,

deduziram.

.

em três semanas

havia dois

novos inquilinos:

um engenheiro de computação

chamado

Ross

e sua esposa

Anatana

que estudava

balé.

.

eles pareciam outro

par altamente

dinâmico.

o mais forte dos estranhos

você não os verá com frequência
porque onde quer que a multidão esteja
eles
não estão.

.
estes estranhos, não
muitos
mas do meio deles
vêm
as poucas
boas telas
as poucas
boas sinfonias
os poucos
bons livros
e as outras
obras.

.
e do meio dos
melhores
entre os estranhos
talvez
nada.

.

eles são
suas próprias
telas
seus próprios
livros
sua própria
música
suas próprias
obras.

.

às vezes acho
que posso
vê-los – vamos dizer
um certo
velho
sentado num
certo banco
de uma certa
maneira

.

ou
o vislumbre de uma face
que se volta em outra
direção
em um automóvel
que passe

.

ou

em um certo mover

de mãos

de um empacotador ou empacotadora

enquanto guarda

as compras

do supermercado.

.

às vezes

é alguém mesmo

com quem você tem

vivido por

algum

tempo –

você notará

um

rápido e luminoso

lampejo

nunca visto

neles

anteriormente.

.

às vezes

você só notará

suas

existências

subitamente
em
vívida
recordação
alguns meses
alguns anos
depois que eles tiverem
partido.

.
lembro
de um
deles –
ele tinha cerca de
20 anos
bêbado às
10 da manhã
olhando para
um espelho
quebrado em
Nova Orleans

.
o rosto sonhador
contra as
paredes
do mundo

.
para

onde eu
fui?

contagem de 8

da minha cama
observo
3 pássaros
num fio
de telefone.

.
um sai
voando.
depois
outro.

.
um ficou,
depois
também
se vai.

.
minha máquina de escrever
está imóvel feito
lápide.

.
e só me
resta observar
pássaros.

.
só pra
você
saber,
babaca.

não temos grana, querida, mas temos chuva

chamem de efeito estufa ou coisa parecida
mas simplesmente não chove mais como
antigamente.

.
tenho vívida lembrança das chuvas da
era da depressão.

não havia um pinga de grana, mas havia
chuva de sobra.

.
não chovia só por uma noite ou
um dia,
CHOVIA por 7 dias e 7
noites
e em Los Angeles os bueiros
não eram feitos pra escoar tanta
água
e a chuva caía GROSSA e
MÁ e
CONSTANTE
e você OUVIA o estrondo nos
telhados e no chão
cachoeiras desciam

dos telhados
e havia com frequência GRANIZO
grandes PEDRAS DE GELO
bombardeando
explodindo
espatifando-se nas coisas
e a chuva
simplesmente não
PARAVA
e não havia telhado sem goteira –
bacias
panelas
espalhadas por toda parte;
os pingos eram ruidosos
e elas eram esvaziadas
vezes sem
fim

.

a chuva cobria os meios-fios,
cruzava os gramados, subia os degraus e
entrava nas casas.
havia esfregões e toalhas de banho,
e a chuva subia, com frequência, pelas
privadas: borbulhante, marrom, louca, girando,
e os carros velhos ficavam nas ruas,
carros que já mal funcionavam num
dia de sol,

e os homens desempregados ficavam
olhando pelas janelas
as máquinas velhas morrendo
feito coisas vivas
lá fora.

.
os homens desempregados,
fracassos num tempo fracassado,
viravam prisioneiros em suas casas com
esposas e filhos
e animais
de estimação.
os bichos se recusavam a sair
e deixavam seus dejetos em
lugares estranhos.

.
os homens desempregados enlouqueciam
confinados com
suas esposas outrora belas.
havia terríveis discussões
com avisos de despejo
surgindo na caixa de correio.
chuva e granizo, latas de feijão,
pão sem manteiga; ovos
fritos, ovos cozidos, ovos
poché; sanduíches de
manteiga de amendoim, e uma galinha

invisível
em cada panela.

.

meu pai, nem de longe um
homem bom, batia em minha mãe
quando chovia
enquanto eu me lançava
entre os dois,
as pernas, os joelhos, os
gritos
até que se
separassem.

.

"*Vou te matar*", eu gritava
pra ele. **"*Bate nela de novo
que eu te mato!*"**

.

**"*Tira esse garoto
filho da puta daqui!*"**

.

"não, Henry, você fica com
sua mãe!"

.

todas as famílias estavam
sitiadas, mas creio que a nossa
continha mais terror do que a
média.

.
e à noite
enquanto tentávamos dormir
as chuvas prosseguiam
e foi na cama
no escuro,
olhando a lua pela
janela escalavrada
tão bravamente
resistindo
à maior parte da chuva,
que eu pensei em Noé e na
Arca
e pensei, aconteceu
de novo.
todos pensávamos
isso.

.
e então, de súbito, ela
parava.
e sempre parecia
parar
por volta das 5 ou 6 da manhã,
baixava uma paz,
mas não o perfeito silêncio
porque as coisas continuavam a
pingar

pingar

pingar

.

e não havia poluição na época

e pelas 8 da manhã

vinha um

sol amarelo ardente,

amarelo Van Gogh –

louco, cegante!

e então

as calhas do telhado

aliviadas da força da

água

começavam a se dilatar no

calor:

BAM! BAM! BAM!

.

e todos levantavam

e olhavam pra fora

e lá estavam todos os gramados

ainda encharcados

mais verdes do que o verde jamais

será

e lá estavam os pássaros

no gramado

TRINANDO como loucos,

não tinham comido decentemente

por 7 dias e 7 noites
e não aguentavam mais
frutinhas
e
esperavam que as minhocas
viessem à tona,
minhocas semiafogadas.
os pássaros as
colhiam
e as engoliam com
pressa; havia
melros e pardais.
os melros tentavam
afugentar os pardais
mas os pardais,
enlouquecidos de fome,
menores e mais rápidos,
obtinham sua
parte.

.
os homens ficavam nas varandas
fumando cigarros,
sabendo agora
que teriam de
sair
para procurar o emprego
que provavelmente não

existia, fazer pegar o carro
que provavelmente não
pegaria.

.

e as esposas outrora
belas
ficavam nos banheiros
penteando os cabelos,
passando maquiagem,
tentando recompor as peças de
seu mundo,
tentando esquecer a
medonha tristeza que
as dominava,
pensando no que poderiam
fazer para o
café da manhã.

.

e pelo rádio
nos informaram
que a escola
reabrira.

e

logo
eu me vi
a caminho da escola,
poças imensas na

rua,
o sol como um novo
mundo,
meus pais lá naquela
casa,
cheguei à sala de aula
na hora certa.

.

a sra. Sorenson nos saudou
com "não teremos nosso
recreio normal, o pátio
está molhado demais".

.

"AH!", reagiram na maioria os
garotos.

.

"mas faremos
algo especial no
recreio", ela disse,
"e vai ser
divertido!"

.

bem, ficamos todos
tentando imaginar o que
seria
e a espera de duas horas
pareceu uma eternidade

enquanto a sra. Sorenson
tratou de
dar suas
lições.

.

eu olhava as
garotinhas, eram todas tão
bonitas e limpas e
atentas,
sentadas imóveis e
aprumadas
e seus cabelos eram
lindos
sob o sol da
Califórnia.

.

então soou o sinal do recreio
e todos esperamos pela
diversão.

.

então a sra. Sorenson nos
disse:
“pois bem, o que
faremos é contar
uns aos outros o que fizemos
durante o temporal!
começando pela fileira da

frente e fazendo a volta toda!
pois bem, Michael, você
primeiro!..."

.

bem, nós começamos a contar
nossas histórias, Michael começou
e a coisa prosseguiu,
e logo percebemos que
estávamos todos mentindo, não
exatamente mentindo mas em grande parte
mentindo e alguns dos garotos
começaram a dar risadinhas e algumas
garotas começaram a olhar
feio pra eles e
a sra. Sorenson falou,
"já chega, eu exijo um
mínimo de silêncio
aqui!
tenho interesse no que
vocês fizeram
durante o temporal
mesmo que vocês
não tenham!"

.

então tivemos de contar nossas
histórias e elas **eram**
histórias.

.

uma garota disse que
quando surgiu o primeiro
arco-íris

ela viu o rosto de Deus
no fim do arco-íris.

mas não falou
em qual fim.

.

um garoto disse que botou
sua vara de pescar
pra fora da janela
e pegou um
peixinho
e o deu pra seu gato
comer.

.

quase todo mundo contou
uma mentira.
a verdade era simplesmente
medonha e
constrangedora demais para
contar.

.

então soou o sinal
e o recreio
acabou.

.

"obrigada", disse a sra.
Sorenson, "isso foi muito
legal
e amanhã o pátio
estará seco
e poderemos
voltar a
usá-lo."

.

os garotos na maioria
deram vivas
e as garotinhas
ficaram muito aprumadas e
imóveis,
tão bonitas e
limpas e
atentas,
seus lindos cabelos
sob um sol que
o mundo talvez
jamais voltasse a
ver.

albergue

você não viveu
até ter estado num
albergue
com nada senão uma
lâmpada
e 56 homens
espremidos juntos
em catres
com todos
roncando
ao mesmo tempo
e alguns desses
roncos
tão
profundos e
nojentos e
inacreditáveis –
sombrios
ranhentos
nojentos
subumanos
resfôlegos
do próprio

inferno.

.

você quase
entra em surto
sob esse
som

.

e os
fedores
misturados:
meias
duras de tão sujas
cuecas
mijadas e
cagadas

.

e por cima disso tudo
um ar de lenta
circulação
muito semelhante à
emanação de uma
lixeira
sem
tampa.

.

e aqueles
corpos

no escuro

.

gordos e

magros

e

retorcidos

.

alguns

sem perna

sem braço

.

alguns

sem mente

.

e o pior de

tudo:

a total

ausência de

esperança

.

ela os

amortalha

e cobre

totalmente.

.

não

vale a

pena.

.

você se

levanta

.

sai

.

caminha pelas

ruas

.

subindo e

descendo pelas

calçadas

.

passa por prédios

.

dobra uma

esquina

.

e volta

pela

mesma

rua

.

pensando

.

esses homens

foram todos

crianças

um dia

.

o que

foi

que aconteceu

com eles?

.

e o que

foi

que aconteceu

comigo?

.

está escuro

e frio

aqui

fora.

o soldado, sua esposa e o vagabundo

eu era um vagabundo em São Francisco mas certa vez
consegui
ver um concerto sinfônico com as pessoas
bem-vestidas
e a música era boa mas algo na
plateia não era
e algo na orquestra
e no regente não
era,
ainda que o prédio fosse ótimo e a
acústica perfeita
eu preferia ouvir música sozinho
no meu rádio
e na saída eu de fato voltei ao meu quarto e
liguei o rádio mas
aí começaram a bater na parede:
“DESLIGA ESSA PORCARIA!”

.
havia um soldado no quarto ao lado
morando com sua esposa
e logo ele partiria para me proteger
de Hitler então

desliguei o rádio e ouvi sua
esposa dizendo "você não devia ter feito isso".
e o soldado disse "É DE FODER ESSE CARA!"
e achei muito legal da parte dele
sugerir isso à esposa.
claro,
ela não me fodeu.

.
de todo modo, nunca mais frequentei concertos
e sempre ouvi o rádio bem
baixinho, ouvido colado no
alto-falante.

.
a guerra tem seu preço e milhões de jovens
mundo afora morreriam
e enquanto ouvia música clássica eu os
escutava fazendo amor, desesperados e
pesarosos, através de Shostakovich, Brahms,
Mozart, através de crescendo e clímax,
e através da compartilhada
parede da nossa
escuridão.

sem líderes

invente-se e então reinvente-se,
não nade no lodo.

invente-se e então reinvente-se,
fuja das garras da mediocridade e da
autocompaixão.

.

invente-se e então reinvente-se,
mude seu tom e sua forma de modo que nunca
consigam
encontrar você.

.

recarregue-se.
aceite a continuidade
mas apenas nos termos que você inventou
e reinventou.

.

seja autodidata.

.

invente a vida,
ela é você,
a história do passado e
a presença do presente.
não há nada mais,

nada.

dinosauria, nós

nascemos assim

nisso

enquanto as caras de giz sorriem

enquanto a sra. Morte ri

enquanto os elevadores quebram

enquanto paisagens políticas se dissolvem

enquanto o empacotador do supermercado tem diploma
universitário

enquanto os peixes oleosos cospem suas presas oleosas

enquanto o sol é mascarado

.

nós

nascemos assim

nisso

nessas guerras cuidadosamente loucas

na visão das janelas quebradas das fábricas do vazio

em bares onde as pessoas não conversam mais

em brigas de soco que acabam em tiroteio e facadas

.

nascemos nisso

em hospitais tão caros que é mais barato morrer

em advogados tão extorsivos que é mais barato assumir
culpa

num país de prisões cheias e hospícios fechados
num lugar onde as massas elevam tolos a heróis ricos

.

nascemos nisso
andando e vivendo no meio disso
morrendo por causa disso
calados por causa disso
castrados
depravados
deserdados
por causa disso
enganados por isso
explorados por isso
mijados por isso
enlouquecidos e adoecidos por isso
tornados violentos
desumanizados
por isso

.

o coração está enegrecido
os dedos procuram a garganta
a arma
a faca
a bomba
os dedos tentam alcançar um deus que não responde

.

os dedos procuram a garrafa

a pílula

o pó

.

nascemos nessa mortalidade pesarosa

nascemos num governo com dívida de 60 anos

que logo será incapaz de pagar até os juros dessa dívida

e os bancos vão queimar

o dinheiro será inútil

haverá assassinato solto e impune nas ruas

serão armas e turbas errantes

a terra será inútil

a comida vai virar uma restituição decrescente

o poder nuclear será tomado por muitos

explosões continuamente abalarão a terra

homens-robô radioativos perseguirão uns aos outros

os ricos e escolhidos verão tudo de plataformas espaciais

o Inferno de Dante vai parecer um parquinho infantil

.

o sol não será visto e sempre será noite

árvores morrerão

toda vegetação morrerá

homens radioativos comerão a carne de homens radioati-
vos

o mar será envenenado

os lagos e rios vão desaparecer

chuva será o novo ouro

.

os corpos podres de homens e animais vão feder no vento escuro

.

os últimos sobreviventes serão acometidos por novas e horrendas

doenças

e as plataformas espaciais serão destruídas pelo atrito pelo esgotamento de suprimentos pelo efeito natural da decadência geral

.

e haverá o mais lindo silêncio jamais ouvido

.

nascido disso.

.

o sol ainda escondido

.

à espera do próximo capítulo.

nirvana

sem muita chance,
completamente livre de
propósito,
ele era um jovem
cruzando de ônibus
a Carolina do Norte
a caminho de
algum lugar
e começou a nevar
e o ônibus parou
num pequeno café
nas colinas
e os passageiros
entraram.

.

ele sentou junto ao balcão
com os outros,
fez seu pedido e a
comida chegou.
a refeição estava
especialmente
boa
e o café

também.

.

a garçonete era
diferente das mulheres
que ele
conhecera.

não era afetada,
havia um humor
natural que vinha
dela.

o fritador dizia
coisas malucas.
o lavador de pratos,
nos fundos,
ria uma risada
boa,
limpa e
agradável.

.

o jovem observou
a neve pelas
janelas.

.

ele queria ficar
naquele café
para sempre.

.

inundou sua cabeça
um curioso sentimento
de que tudo
era
lindo
ali,
de que tudo sempre
seria lindo
ali.

.
então o motorista
disse aos passageiros
que era hora
de voltar ao ônibus.

.
o jovem pensou,
vou simplesmente ficar
aqui, vou simplesmente
permanecer.

.
mas então
se levantou e seguiu
os outros até o
ônibus.

.
achou seu assento
e olhou o café

pela janela
do ônibus.

.

então o ônibus
partiu, fazendo uma curva,
descendo, deixando
as colinas.

.

o jovem
olhava reto
em frente.
ouvia os outros
passageiros
falando
de outras coisas,
e alguns
liam
ou
tentavam
dormir.

.

não haviam
percebido
a
magia.

.

o jovem

deitou a cabeça
de lado,
fechou os
olhos,
fingiu
dormir.
não havia nada
mais a fazer –
só escutar o
som do
motor,
o som dos
pneus
na
neve.

o tordo azul

há um tordo azul no meu coração que
quer sair
mas sou muito duro com ele,
eu digo, fique aí, não vou
deixar ninguém
ver você.

.

há um tordo azul no meu coração que
quer sair
mas eu despejo uísque nele e inalo
fumaça de cigarro
e as putas e os bartenders
e os balconistas dos mercados
jamais percebem que
ele está
ali dentro.

.

há um tordo azul no meu coração que
quer sair
mas sou muito duro com ele,
eu digo,
fique quieto, você quer
me ferrar?

quer bagunçar minha
situação?

quer detonar minhas vendas de livros na
Europa?

.

há um tordo azul no meu coração que
quer sair

mas sou muito esperto, só deixo ele sair
certas noites

quando todo mundo está dormindo.

eu digo, sei que você está aí,

então não fique

triste.

.

depois o boto de volta,

mas ele canta um pouco

ali dentro, não o deixei morrer

totalmente

e dormimos juntos

assim

com nosso

pacto secreto

e é bom o bastante pra

fazer um homem

chorar, mas eu não

choro, e

você?

o segredo

não se preocupe, ninguém tem a
linda mulher, no fundo não tem, e
ninguém tem o estranho e
oculto poder, ninguém é
excepcional ou maravilhoso ou
mágico, eles só parecem ser.
é tudo truque, logro, trapaça,
não caia, não creia.
o mundo é repleto de
bilhões de pessoas cujas vidas
e mortes são inúteis e
quando uma sobressai
e a luz da história brilha
sobre ela, esqueça, não é
o que parece, é só
mais uma fraude pra enganar os tolos
outra vez.
.
não há homens fortes, não
há mulheres lindas.
ao menos você pode morrer sabendo
disso
e você vai ter

a única vitória
possível.

carta de fã

já faz um tempão que sou sua leitora,
acabei de botar Billy na cama,
ele tá com 7 picadas feias de carrapato,
eu tô com 2,
meu marido, Benny, tá com 3.

certas pessoas adoram insetos, outras
detestam.

Benny escreve poemas.

uma vez apareceu na mesma revista que o
senhor.

Benny é o maior escritor do mundo
mas tem um temperamento difícil.

foi fazer certa vez uma leitura e alguém
riu de um de seus poemas sérios

e Benny tirou o pinto pra fora

ali mesmo

e mijou no palco.

ele diz que o senhor escreve bem mas que o senhor
não conseguiria carregar as bolas dele num saco de
papel.

de todo modo, fiz UM MONTÃO DE MARMELADA

esta noite,

simplesmente AMAMOS marmelada aqui.

Benny perdeu seu emprego ontem, mandou o chefe tomar no cu mas ainda tenho meu emprego lá no salão de beleza.

o senhor sabia que as bichas vão lá fazer as unhas?

o senhor não é bicha, é, sr.

Chinaski?

de todo modo, me deu vontade de escrever ao senhor. seus livros são lidos sem parar por aqui.

Benny diz que o senhor é um chato de galocha, o senhor escreve muito bem mas não conseguiria carregar as bolas dele numa sacola de papel.

gosta de insetos, sr. Chinaski?

acho que a marmelada já esfriou pra comer agora.

então adeus.

Dora

recostar-se

como numa cadeira da cor do sol
enquanto você ouve o preguiçoso piano
e as aeronaves no alto não são
de guerra.

onde o último copo é tão bom quanto
o primeiro

e você percebe que as promessas
que fez a si mesmo foram
mantidas.

isso é o bastante.

essa última: sobre as promessas.

o que não é tão bom é que os poucos
amigos que você tinha estão
mortos e parecem
insubstituíveis.

das mulheres, você pouco soube
no início
e demais

tarde demais.

e se a autoanálise for permitida:
legal que você tenha aperfeiçoado
tanto,
que tenha chegado tarde

e permanecido em geral
capaz.

fora isso, não muito.

exceto que você pode partir sem
arrependimento.

até lá, brincar mais um pouco,

resistir mais um pouco,

recostando-se,

igual ao cão que atravessou

a rua movimentada:

nem tudo foi boa

sorte.

você quer entrar na arena?

se não transborda de você,
não faça.

a menos que saia irrompendo de seus
ouvidos e sua cabeça e sua bunda
e seu umbigo,
não faça.

se você tiver de sentar por uma hora
encarando a tela do computador
ou curvado sobre a
máquina de escrever,
não faça.

se estiver fazendo por dinheiro ou
fama,
não faça.

se estiver fazendo porque quer
mulheres na sua cama,
não faça.

se você precisa sentar e
retrabalhar, reescrever,
não faça.

se é trabalho duro,
não faça.

se você está tentando escrever como outra

peessoa,
não faça.

.

se for preciso esperar que saia rugindo de
você,

então espere.

se nada jamais sai rugindo você,
faça outra coisa.

.

se for preciso ler para sua esposa
ou sua namorada ou seu namorado
ou seus pais ou qualquer um em absoluto,
você não está pronto.

.

não seja como tantos escritores,
não seja como tantos milhares de
escritores que se autodenominam escritores,
não seja tão chato e tedioso e
pretensioso, não se tranque no amor-
-próprio.

não mate as páginas de cansaço com
sua merda.

as bibliotecas do mundo já
bocejaram até
dormir.

não se some a isso,
não faça isso.

a menos que saia irrompendo de
seu crânio como um foguete,
a menos que nada fazer a respeito te
leve à loucura ou ao
suicídio ou assassinato,
não faça.

.

a menos que o sol em seu íntimo esteja
queimando suas tripas,
não faça.

.

quando se mostrar de verdade a você,
ela se fará
sozinha e seguirá se fazendo
até que você morra ou até que ela morra em
você.

.

não há outro jeito.

.

nunca houve.

o livro da condição

os longos dias na pista se indentaram
em mim:

eu sou os cavalos, os jóqueis, sou seis furlongs, sete
furlongs, eu sou uma milha e um décimo sexto, eu sou
um

handicap, eu sou todas as cores de todas as sedas, eu
sou todas

as fotos de chegada, os acidentes, as mortes, os
últimos colocados, as fraturas, o defeito do
placar, o chicote largado e a dor entorpecida
do sonho irrealizado em milhares e milhares
e milhares de rostos, eu sou o longo retorno de carro no
escuro, na chuva, eu sou décadas e décadas e décadas
de corridas disputadas e vencidas e perdidas e disputa-
das outra vez e sou

eu mesmo sentado com um programa e uma ***Racing
Form.***

eu sou a pista de corrida, minhas costelas são as grades
de madeira, meus

olhos são os lampejos do placar, meus pés são
cascos e algo cavalga minhas costas, eu sou
a última curva, eu sou a reta final, eu sou o azarão
e o favorito, eu sou a exata, e dupla diária e

a aposta de 6.

eu sou a ruína humana, eu sou o apostador que
se tornou a
pista de corrida.

uma nova guerra

uma luta diferente agora, repelir o cansaço da
velhice,

voltar para o seu quarto, estender-se na cama,
não há muita vontade de se mexer,
é quase meia-noite agora.

.

nem tanto tempo atrás sua noite estaria só
começando, mas não lamente a juventude perdida:
a juventude também não foi nenhuma
maravilha.

.

mas agora é a espera da morte.
não é a morte o problema, é a espera.

.

você devia ter morrido décadas atrás.
o abuso que infligiu a si mesmo foi
imenso e sem fim.

uma luta diferente agora, sim, mas nada a
lamentar, apenas a
notar.

.

francamente, é até meio chato esperar a
lâmina.

.

e pensar que, depois do meu fim,
haverá mais para os outros, outros dias,
outras noites.

cães andando nas calçadas, árvores balançando ao
vento.

.

não vou deixar grande coisa.
algo pra ler, talvez.

.

uma cebola selvagem na estrada
eviscerada.

.

Paris no escuro.

o coração risonho

sua vida é sua vida.
não deixe que ela seja espancada em úmida
submissão.
fique atento.
existem saídas.
há luz em algum lugar.
pode não ser muita luz mas
ela vence a
escuridão.
fique atento.
os deuses vão te oferecer
chances.
reconheça e pegue essas chances.
você não pode vencer a morte mas
você pode vencer a morte
na vida,
às vezes.
e quanto mais você
aprender a fazê-lo,
tanto mais luz
haverá.
sua vida é sua vida.
conheça sua vida enquanto a

tem.

você é maravilhoso

os deuses esperam para se deleitar

com

você.

lance os dados

se você for tentar, vá com
tudo.

caso contrário, nem comece.

.

se você for tentar, vá com
tudo.

isso pode significar perder namoradas,
esposas, parentes, empregos e
talvez sua mente.

.

vá com tudo.

pode significar não comer por 3 ou
4 dias.

pode significar congelar num
banco de parque.

pode significar prisão, alcoolismo,

pode significar escárnio,

zombaria,

isolamento.

isolamento é a dádiva,

o resto todo é um teste da sua
fibra,

do quanto você realmente quer

fazê-lo.
e você o fará
enfrentando a total rejeição e a
pior das chances
e será melhor do que
qualquer outra coisa
que você possa imaginar.

.
se você for tentar,
vá com tudo.
não há sentimento
igual.
você estará sozinho com os
deuses
e as noites vão arder em
chamas.

.
faça, faça, faça.
faça.

.
com tudo
com tudo.

.
você vai cavalgar a morte direto até o
inferno,
sua risada perfeita,
a única boa luta

agora.

e agora?

as palavras vieram e se foram,
não me mexo.

o telefone toca, os gatos dormem.

Linda passa o aspirador.

estou esperando para viver,
esperando para morrer.

.

eu gostaria de poder celebrar alguma bravura.

é uma merda de situação

mas a árvore lá fora não sabe:

observo seus movimentos ao vento
no sol do entardecer.

.

não há nada a declarar aqui,

só uma espera.

cada um a enfrenta sozinho.

.

Ah, fui um dia jovem,

Ah, fui um dia inacreditavelmente
jovem!

o estouro

demais

tão pouco

.

tão gordo

tão magro

ou ninguém.

.

risos ou

lágrimas

.

odiosos

amantes

.

estranhos com faces como

cabeças de

tachinhas

exércitos correndo através

de ruas de sangue

brandindo garrafas de vinho

baionetando e fodendo

virgens.

.

ou um velho num quarto barato

com uma fotografia de M. Monroe.

.

há tamanha solidão no mundo
que você pode vê-la no movimento lento dos
braços de um relógio.

.

peessoas tão cansadas
mutiladas
tanto pelo amor como pelo desamor.

.

as pessoas simplesmente não são boas umas com as ou-
tras
cara a cara.

.

os ricos não são bons para os ricos
os pobres não são bons para os pobres.

.

estamos com medo.

.

nosso sistema educacional nos diz que
podemos ser todos
grandes vencedores.

.

eles não nos contaram
a respeito das misérias
ou dos suicídios.

.

ou do terror de uma pessoa
sofrendo sozinha
num lugar qualquer

.

intocada
incomunicável

.

regando uma planta.

.

as pessoas não são boas umas com as outras.
as pessoas não são boas umas com as outras.
as pessoas não são boas umas com as outras.

.

suponho que nunca serão.
não peço para que sejam.

.

mas às vezes eu penso sobre
isso.

.

as contas dos rosários balançarão
as nuvens nublarão
e o assassino degolará a criança
como se desse uma mordida numa casquinha de sorvete.

.

demais
tão pouco
tão gordo

tão magro
ou ninguém

.

mais odiosos que amantes.

.

as pessoas não são boas umas com as outras.

talvez se elas fossem

nossas mortes não seriam tão tristes.

enquanto isso eu olho para as jovens garotas

talos

flores do acaso.

.

tem que haver um caminho.

.

com certeza deve haver um caminho sobre o qual ainda
não pensamos.

.

quem colocou este cérebro dentro de mim?

.

ele chora

ele demanda

ele diz que há uma chance.

.

ele não dirá

"não".

Fontes e traduções

"friendly advice to a lot of young men, and a lot of old men, too". (c. 1954); *Existaria* 7, setembro-outubro de 1957; coletado em *The Roominghouse Madrigals*, 1988.

"as the sparrow". *Quixote* 13, primavera de 1957; coletado em *The Days Run Away Like Wild Horses Over the Hills*, 1969.

"layover". *The Naked Ear* 9, final de 1957; coletado em *The Roominghouse...*

"the life of Borodin". *Quicksilver* 11.3, outono de 1958; coletado em *Burning in Water, Drowning in Flame*, 1974. [Ed. bras.: *Queimando na água, afogando-se na chama.*]

"when Hugo Wolf went mad". *Odyssey* 5, 1959; coletado em *The Days...*

"destroying beauty". (Início de 1959); *The Roominghouse...*

"the day I kicked a bankroll out the window". *Quicksilver* 12.2, verão de 1959; coletado em *The Roominghouse...*

"the twins". *Galley Sail Review* 1.4, outono de 1959; coletado em *Burning...* [Ed. bras.: *Queimando...*]

"to the whore who took my poems". *Quagga* 1.3, setembro de 1960; coletado em *Burning...* [Ed. bras.: *Queimando...*]

"the loser". *The Sparrow* 14, novembro de 1960; coletado em *The Roominghouse*...

"the best way to get famous is to run away". (Final de 1960); *Longshot Pomes for Broken Players*, setembro de 1961; coletado em *The Roominghouse*...

"the tragedy of the leaves". *Targets* 4, dezembro de 1960; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"old man, dead in a room". *The Outsider* 1, outono de 1961; coletado em *The Roominghouse*...

"the priest and the matador". *Epos* 13.2, inverno de 1961; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"the state of world affairs from a 3rd floor window". *Rongwrong* 1, 1961; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"the swan". (c. 1961); *Notes from Underground* 1, 1964; coletado em *The Days*...

"beans with garlic". Manuscrito de 1º de abril de 1962; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"a poem is a city". *Targets* 10, junho de 1962; coletado em *The Days*...

"consummation of grief". *Sun* 8, 1962; coletado em *Mockingbird Wish Me Luck*, 1972.

"for Jane: with all the love I had, which was not enough". Manuscrito de 1962; coletado em *The Days*...

"for Jane". *The Wormwood Review* 8, dezembro de 1962; coletado em *The Days*...

"John Dillinger and *le chasseur maudit*". (c. 1963-64); *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"crucifix in a deathhand". Coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"something for the touts, the nuns, the grocery clerks and you...". *crucifix in a deathhand*, 1965; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"no. 6". *crucifix in a deathhand*, 1965; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"and the moon and the stars and the world:". Manuscrito de 1965; coletado em *The Days*...

"true story". Broadside *true story*, abril de 1966; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"the genius of the crowd". *The Genius of the Crowd*, junho de 1966; coletado em *The Roominghouse*...

"I met a genius". *The Flower Lover—I met a genius*, outubro de 1966; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"swastika star buttoned to my ass". *Iconolatry* 18/19, 1966; inédito em coletânea.

"the blackbirds are rough today". (c. 1966-67); *The Roominghouse*...

"if we take—". *if we take*—, dezembro de 1969; coletado em *Mockingbird*...

"another academy". *Wormwood Review* 38, primavera de 1970; coletado em *Mockingbird*...

"the poetry reading". *California Librarian* 31.4, outubro de 1970; coletado em *Mockingbird*...

"the last days of the suicide kid". *Invisible City* 1, fevereiro de 1971; coletado em *Mockingbird*...

"the shower". Manuscrito de março de 1971; coletado em *Mockingbird*...

"style". Manuscrito de março de 1971; coletado em *Mockingbird*...

"the mockingbird". Manuscrito de abril de 1971; coletado em *Mockingbird*...

"girl in a miniskirt reading the Bible outside my window". *Mano Mano* 2, julho de 1971; coletado em *Mockingbird*...

"the shoelace". *Vagabond* 11, 1971; coletado em *Mockingbird*...

"those sons of bitches". *Cotyledon* 2, primavera de 1972; coletado em *Mockingbird*...

"hot". *Event* 2.2, 1972; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"trouble with Spain". *Stonecloud* 2, 1973; coletado em *Burning*... [Ed. bras.: *Queimando*...]

"a radio with guts". *Stonecloud* 2, 1973; coletado em *Play the Piano Drunk Like a Percussion Instrument Until the Fingers Begin to Bleed a Bit*, 1979.

"love poem to Marina". *Second Coming* 2.3, 1973; coletado em *On Love*, 2016. [Ed. bras.: *Sobre o amor*.]

"some people never go crazy". *Two Charlies* 3, 1973; coletado como "some people" em *Burning...* [Ed. bras.: *Queimando...*]

"the fisherman". *Burning...* [Ed. bras.: *Queimando...*]

"the trash men". *Burning...* [Ed. bras.: *Queimando...*]

"face of a political candidate on a street billboard". Manuscrito de 14 de maio de 1974; coletado em *Play the Piano...*

"the proud thin dying". Manuscrito de 21 de julho de 1974; coletado em *Play the Piano...*

"an almost made up poem". *Aunt Harriet's Flair for Writing Review* 1, 1974; coletado em *Love Is a Dog from Hell*, 1977. [Ed. bras.: *O amor é um cão dos diabos*.]

"a love poem for all the women I have known". Manuscrito de 15 de setembro de 1974 (segundo rascunho); coletado como "a love poem" em *War All the Time*, 1984, e em *On Love* [Ed. bras.: *Sobre ao amor*].

"art". Manuscrito de 24 de dezembro de 1974; coletado em *Play the Piano...*

"what they want". Manuscrito de 27 de fevereiro de

1975; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"one for the shoeshine man". Manuscrito de 17 de maio de 1975; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"the meek have inherited". Manuscrito de 4 de junho de 1975; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"who in the hell is Tom Jones?". Manuscrito de 4 de junho de 1975; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"and a horse with greenblue eyes walks on the sun". Manuscrito de 22 de junho de 1975; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"an acceptance slip". Manuscrito de 27 de novembro de 1975; coletado em *Love Is a Dog*... como "my old man" e como "acceptance" em *The People Look Like Flowers at Last*, 2007. [Ed. bras.: *As pessoas parecem flores finalmente*]

"the end of a short affair". Manuscrito de 19 de janeiro de 1976; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"I made a mistake". *Scarlet*, abril de 1976; coletado em *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"\$\$\$\$\$\$". *Love Is a Dog*... [Ed. bras.: *O amor é um cão*...]

"metamorphosis". *Play the Piano...*

"we've got to communicate". Manuscrito de 22 de julho de 1979; coletado em *Dangling in the Tournefortia*, 1981.

"the secret of my endurance". Manuscrito de 4 de outubro de 1979; coletado em *Dangling...*

"Carson McCullers". Manuscrito de 24 de outubro de 1981; coletado em *The Night Torn Mad with Footsteps*, 2001.

"sparks". Manuscrito de 9 de fevereiro de 1982; coletado em *War All the Time*.

"the history of a tough motherfucker". Manuscrito de 28 de fevereiro de 1983 (segundo rascunho); coletado em *War All the Time*.

"oh, yes". Manuscrito de 11 de abril de 1983; coletado em *War All the Time*.

"retirement". Manuscrito de novembro de 1984; coletado como "retired" in *You Get So Alone at Times That It Just Makes Sense*, 1986. [Ed. bras.: *Você fica tão sozinho às vezes que até faz sentido.*]

"luck". Manuscrito de abril de 1985; coletado em *Septuagenarian Stew*, 1990. [Ed. bras.: *Miscelânea septuagenária.*]

"if you want justice, take the knife". Manuscrito de 14 de setembro de 1985; coletado como "mind and heart" em *Come On In!*, 2006.

"cornered". Chapbook **cornered**, outubro de 1985; coletado em *You Get So Alone...* [Ed. bras.: ***Você fica tão sozinho...***]

"how is your heart?". Manuscrito de 1985; coletado em *You Get So Alone...* [Ed. bras.: ***Você fica tão sozinho...***]

"the burning of the dream". Manuscrito da primavera de 1986; coletado em *Septuagenarian...* [Ed. bras.: ***Miscelânea...***]

"hell is a lonely place". (c. 1987); *Synaesthesia* 2, 1989; coletado em *Septuagenarian...* [Ed. bras.: ***Miscelânea...***]

"the strongest of the strange". *Scream Magazine* 6, 1989; coletado em *Septuagenarian...* [Ed. bras.: ***Miscelânea...***]

"8 count". Manuscrito de c. 1989; coletado em *The Last Night of the Earth Poems*, 1992.

"we ain't got no money, honey, but we got rain". New Year's Greeting ***we ain't got no money, honey, but we got rain***, 1990; coletado em *The Last Night...*

"flophouse". (c. 1990); *Wormwood Review* 141, 1996; coletado em *The Last Night...*

"the soldier, his wife and the bum". (c. 1990); *Wormwood Review* 142, 1996; coletado em *The Last Night...*

"no leaders". Manuscrito de c. 1990; coletado como "no leaders, please" em ***Come On In!***

"dinosauria, we". Manuscrito de 13 de fevereiro de 1991; coletado em *The Last Night...*

"nirvana". Manuscrito de 24 de fevereiro de 1991; coletado em *The Last Night*...

"the bluebird". Broadside *the bluebird*, setembro de 1991; coletado em *The Last Night*...

"the secret". *Painted Bride Quarterly* 43, 1991; coletado em *Betting on the Muse*, 1996.

"fan letter". *The Last Night*...

"to lean back into it". *Red Tree* 4, verão de 1992; coletado em *What Matters Most Is How Well You Walk Through the Fire*, 1999.

"do you want to enter the arena?". Manuscrito de 20 de outubro de 1992; coletado como "so you want to be a writer?" em *Sifting Through the Madness for the Word, the Line, the Way*, 2003.

"the condition book". Manuscrito de 10 de novembro de 1992; coletado em *The Night Torn*...

"a new war". (c. 1992); *Prairie Schooner* 67.3, Outono de 1993; coletado em *What Matters Most*...

"the laughing heart". (c. 1992); *Prairie Schooner* 67.3, outono de 1993; coletado em *Betting*...

"roll the dice". Manuscrito de c. 1993; coletado em *What Matters Most*...

"so now?". Manuscrito do início de 1994; coletado em *Betting*...

"the crunch". Manuscrito de 13 de setembro de 1976 (segundo rascunho); coletado em ***Love Is a Dog...*** [Ed. bras.: ***O amor é um cão...***]

Poemas cujas edições brasileiras estão referenciadas acima foram retirados dos seguintes volumes:

As pessoas parecem flores finalmente. Trad. Claudio Wil-
ler. Porto Alegre: L&PM, 2015.

O amor é um cão dos diabos. Trad. Pedro Gonzaga. Porto
Alegre: L&PM, 2007.

Miscelânea septuagenária. Trad. Pedro Gonzaga. Porto
Alegre: L&PM, 2014.

Queimando na água, afogando-se na chama. Trad. Pedro
Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Sobre o amor. Trad. Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM,
2017.

Você fica tão sozinho às vezes que até faz sentido. Trad.
Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2018.

.

Textos não retirados dos livros acima foram traduzidos
por Rodrigo Breunig para a presente coletânea.

Agradecimentos

Organizador e editora gostariam de agradecer aos proprietários dos poemas aqui publicados, incluindo as seguintes instituições:

University of Arizona, Acervos Especiais

The University of California, Los Angeles, Acervos Especiais

The University of California, Santa Barbara, Acervos Especiais

The Huntington Library, San Marino, California

Indiana University, Biblioteca Lilly

The University of Southern California, Acervo de Livros Raros

Agradecemos também às seguintes revistas, nas quais alguns dos poemas foram publicados pela primeira vez:

California Librarian, Cotyledon, Epos, Event, Galley Sail Review, Iconolatre, Invisible City, Mano, The Naked Ear, Notes from Underground, Odyssey, The Outsider, Painted Bride Quarterly, Prairie Schooner, Quagga, Quicksilver, Quixote, Red Tree, Rongwrong, Second Coming, Scream Magazine, The Sparrow, Stonecloud, Sun, Synaesthesia, Targets, Two Charlies, Vagabond, The Wormwood Review.

Obrigado a Mark Gaipa pelos bons momentos e pelas sugestões.

Um agradecimento especial a Linda Bukowski por acreditar neste projeto desde o primeiro dia.



Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: ***Essential Bukowski: Poetry***

Tradução: Rodrigo Breunig e Pedro Gonzaga

Seleção e edição: Abel Debritto

Capa e ilustração: Ivan Pinheiro Machado

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Marianne Scholze

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B949b

Bukowski, Charles, 1920-1994

Bukowski essencial: poesia / Charles Bukowski; tradução Rodrigo Breunig, Pedro Gonzaga; seleção e edição de Abel Debritto. – 1. ed. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2022.

Tradução de: ***Essential Bukowski: Poetry***

ISBN 978-65-5666-274-9

1. Poesia americana. I. Breunig, Rodrigo. II. Gonzaga, Pedro. II. Debritto, Abel. III. Título.

22-76773 CDD: 811

CDU: 82-1(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2016 by Linda Lee Bukowski

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Contents

1. [Apresentação](#)
2. [feito um pardal](#)
3. [parada](#)
4. [a vida de borodin](#)
5. [quando Hugo Wolf enlouqueceu](#)
6. [destruindo a beleza](#)
7. [o dia em que joguei pela janela uma grana preta](#)
8. [os gêmeos](#)
9. [para a puta que levou meus poemas](#)
10. [o perdedor](#)
11. [a melhor maneira de ficar famoso é fugir](#)
12. [a tragédia das folhas](#)
13. [velho morto num quarto](#)
14. [o padre e o matador](#)
15. [o estado das coisas do mundo vistas a partir da janela de um 3o andar](#)
16. [o cisne](#)
17. [feijão com alho](#)
18. [um poema é uma cidade](#)
19. [consumação da dor](#)
20. [para Jane: com todo o amor que eu tinha, que não foi suficiente](#)
21. [para Jane](#)
22. [John Dillinger e le chasseur maudit](#)
23. [crucifixo em uma mão morta](#)
24. [alguma coisa para os especuladores, para as freiras, para os atendentes do mercado e para](#)

- você...
25. no 6
 26. e a lua e as estrelas e o mundo:
 27. história verdadeira
 28. o gênio da multidão
 29. conheci um gênio
 30. suástica abotoada na minha bunda
 31. os melros estão bravos hoje
 32. levando em conta -
 33. outra academia
 34. a leitura de poesia
 35. os últimos dias do garoto suicida
 36. o banho
 37. o tordo-dos-remédios
 38. estilo
 39. garota de minissaia lendo a Bíblia na minha janela
 40. o cadarço
 41. esses filhos da puta
 42. quente
 43. problema com espanha
 44. um rádio com fibra
 45. poema de amor para Marina
 46. algumas pessoas nunca enlouquecem
 47. o pescador
 48. os homens do lixo
 49. rosto de um candidato político num outdoor
 50. a orgulhosa e magra morte
 51. um poema quase feito
 52. um poema de amor para todas as mulheres que eu conheci
 53. arte

54. [o que eles querem](#)
55. [um poema para o engraxate](#)
56. [o humilde herdou](#)
57. [quem, diabos, é Tom Jones?](#)
58. [e um cavalo de olhos azul-esverdeados cami-
nha no sol](#)
59. [quitação](#)
60. [o fim de um breve caso](#)
61. [cometi um erro](#)
62. [\\$\\$\\$\\$\\$\\$](#)
63. [metamorfose](#)
64. [precisamos nos comunicar](#)
65. [o segredo da minha resistência](#)
66. [Carson McCullers](#)
67. [faíscas](#)
68. [a história de um filho da mãe durão](#)
69. [sem dúvida](#)
70. [aposentadoria](#)
71. [sorte](#)
72. [se você quer justiça, pegue a faca](#)
73. [encurralado](#)
74. [como está o seu coração?](#)
75. [o incêndio do sonho](#)
76. [o inferno é um lugar solitário](#)
77. [o mais forte dos estranhos](#)
78. [contagem de 8](#)
79. [não temos grana, querida, mas temos chuva](#)
80. [albergue](#)
81. [o soldado, sua esposa e o vagabundo](#)
82. [sem líderes](#)
83. [dinosauria, nós](#)
84. [nirvana](#)

85. [o tordo azul](#)
86. [o segredo](#)
87. [carta de fã](#)
88. [recostar-se](#)
89. [você quer entrar na arena?](#)
90. [o livro da condição](#)
91. [uma nova guerra](#)
92. [o coração risonho](#)
93. [lance os dados](#)
94. [e agora?](#)
95. [o estouro](#)
96. [Fontes e traduções](#)
97. [Agradecimentos](#)